

Era uma vez... O Autismo

**Manual para Professores e
Profissionais de Apoio Escolar**

Isaías de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Isaías de

Era uma vez... o autismo : manual para professores
e profissionais de apoio escolar / Isaías de
Oliveira. -- 1. ed. -- Descalvado, SP :
Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-60517-3

1. Autismo 2. Educação 3. Inclusão
4. TEA (Transtorno do Espectro do Autismo)
I. Título.

25-288784

CDD-371.94

Índices para catálogo sistemático:

1. TEA : Transtorno do Espectro do Autismo :
Educação inclusiva 371.94

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, por qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotográfico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações — sem a permissão escrita do autor.

A violação dos direitos autorais é crime, conforme dispõe a **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**, que regula os direitos autorais no Brasil.

Autor: Isaías de Oliveira

ISBN: 978-65-01-60517-3

1ª edição – 2025

Edição Independente

Descalvado/SP

Revisão ortográfica e de conteúdo: Tamiris Cristina dos Santos Presunti de Oliveira



Este material tem como objetivo apresentar informações gerais, observações pedagógicas e estudos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). As estratégias e sugestões aqui descritas foram reunidas com base em práticas desenvolvidas em sala de aula, registros de acompanhamento e vivências com estudantes autistas em contextos escolares a partir da experiência do autor como educador comprometido com a inclusão. Não se trata, portanto, de um guia técnico ou clínico, tampouco tem a intenção de prescrever medicamentos, tratamentos ou diagnósticos.

Antes de tudo, é fundamental destacar que cada indivíduo com TEA possui um perfil único e que o manejo pedagógico e terapêutico deve ser sempre individualizado e realizado por profissionais qualificados, com base em avaliações específicas.

Além disso, para consolidar e aprofundar os conhecimentos aqui apresentados, é altamente recomendável que o leitor busque formações complementares, leitura crítica e diálogo com outros profissionais da educação e da saúde.

Este manual é um ponto de partida. Um convite ao olhar sensível, à escuta ativa e à construção de práticas mais inclusivas e eficazes. Que ele sirva como inspiração, apoio e ferramenta para quem acredita que toda criança merece aprender com dignidade, respeito e acolhimento.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1: Compreendendo o Autismo em Sala de Aula: Fundamentos para o Professor	13
Definição e Conceitos sobre o TEA	13
Desmistificando Conceitos sobre o Autismo	14
Características do TEA e suas Manifestações em Sala de Aula	15
Diagnóstico Precoce e a Importância da Intervenção	17
Comorbidades Comuns no TEA	18
Capítulo 2: Conheça o Perfil Funcional do Aluno	20
A Importância da Observação e do Registro	20
Indicadores a serem Considerados	21
Como Usar o Perfil Funcional na Prática Pedagógica	21
Exemplo de Ficha Simples de Anotações	22
Capítulo 3: A Importância da Rotina e Previsibilidade no Ambiente Escolar	23
A Estratégias para Implementar Rotinas Visuais Eficazes	23
Exemplo de História Social	26
Gerenciando Transições	27
Preparação para Mudanças Inesperadas na Rotina	28
Benefícios da Rotina para Toda a Turma	28
Capítulo 4: Regulação Emocional: Mediação de Comportamentos e Crises	29
Compreendendo o que é uma crise	29
Sinais que antecedem uma crise	30
Espaço de regulação: O cantinho da calma	30
O que fazer durante uma crise	31
Após a crise: acolher, refletir e registrar	31
Plano de Ação Individual para momentos de crise	32
Capítulo 5: Estratégias de Apoio com Base no Perfil Sensorial	33
O que é um Perfil Sensorial?	33
Adaptações por Tipo de Estímulo	33
Crie uma Rotina com Pausas Sensoriais	35
Sugestões de Materiais Sensoriais Acessíveis na Escola	36
Reconheça e Respeite o Perfil Sensorial	36

Capítulo 6: Comunicação Funcional: Estratégias Visuais e Verbais	37
A Importância da Comunicação Visual	37
Sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA)	38
Estratégias para uma Comunicação Verbal Clara e Direta	39
Promovendo a Expressão e a Iniciativa Comunicativa	40
O Papel da Tecnologia na Comunicação	41
Capítulo 7: Adaptação do Ambiente Físico da Sala de Aula	42
Compreendendo o Impacto do Ambiente no Aluno com TEA	42
Estratégias de Organização e Estruturação do Espaço	43
Minimizando Distrações Sensoriais	44
Flexibilidade e Individualização	45
Capítulo 8: DUA, Materiais Didáticos Adaptados e Recursos Tecnológicos	46
A Importância da Adaptação de Materiais	46
Tipos de Adaptações de Materiais Didáticos	47
Recursos Tecnológicos como Ferramentas de Apoio	49
Ferramentas Tecnológicas para Inclusão	50
DUA, Materiais Adaptados e Tecnologia	53
Capítulo 9: Estratégias para o Ensino de Habilidades no Contexto Escolar	57
Princípios Gerais para Alfabetização e Letramento de Alunos com TEA	57
Estratégias para a Leitura	58
Estratégias para Ensinar a Escrever	60
Dicas para Alfabetizar Alunos com TEA	61
Dicas de Como Lidar com Dificuldades Específicas	61
Estratégias para o Ensino de Matemática	62
Capítulo 10: Promovendo a Interação e Habilidades Sociais	64
Compreendendo os Desafios Sociais no TEA	64
Estratégias para o Ensino de Habilidades Sociais	65
Promovendo a Interação Social na Sala de Aula	66
Incentivando a Empatia e a Aceitação na Turma	68
Seção Extra: Dicas para o Ensino de Habilidades Básicas no Autismo	69
Capítulo 11: O Papel dos Colegas na Inclusão de Alunos com Autismo	71
Por que Envolver os Colegas é tão Importante?	71
Como Preparar a Turma para Acolher a Diversidade	71

Atividades para Promover Empatia e Cooperação	72
Frases e Atitudes que podem ser Ensinadas aos Colegas	72
Como o Professor pode Incentivar a Inclusão Entre Colegas	73
Recursos sobre o tema para usar com a turma:	74
A importância de envolver a família	74
Capítulo 12: Como lidar com Comportamentos Desafiadores	75
Compreendendo a Função do Comportamento	75
Estratégias para Prevenir Comportamentos Desafiadores	76
Estratégias para Responder a Comportamentos Desafiadores	77
Promovendo a Autorregulação	78
Capítulo 13: Colaboração com a Família e Equipe Multidisciplinar	80
A Família como Parceira Essencial	80
Estratégias para uma Comunicação Eficaz com a Família	81
A Equipe Multidisciplinar: Um Suporte Essencial	81
Estratégias para uma Colaboração Eficaz	82
O Plano Individualizado como Ferramenta de Colaboração	83
Capítulo 14: Avaliação e Acompanhamento do Desenvolvimento	84
Desafios da Avaliação Tradicional para Alunos com TEA	84
Abordagens de Avaliação Adaptadas	85
Acompanhamento do Progresso e Ajuste de Estratégias	87
Conclusão: Construindo Pontes para a Inclusão	88
Mini Guia para o Profissional de Apoio Escolar	89
Qual é o seu papel na escola?	89
O que você NÃO DEVE fazer	89
O que você DEVE fazer	90
Estratégias práticas para o dia a dia	90
Comunicação e Parceria com o Professor	91
Modelo de Ficha de Autoavaliação	92
APÊNDICE INFORMATIVO	95
Autismo (Transtorno do Espectro Autista – TEA)	96
Histórico e evolução do conceito	96
Causas do Transtorno do Espectro Autista	96
Fatores Genéticos	96

Fatores Ambientais	97
Epidemiologia	98
Características e Manifestações do TEA	99
Condições Associadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA)	100
Autismo de Alto Funcionamento	101
Autismo Leve e Síndrome de Asperger	102
Diagnóstico do TEA	102
Crítérios Diagnósticos Segundo o DSM-5	103
Níveis de Suporte no Transtorno do Espectro Autista (TEA)	103
Abordagens Terapêuticas	105
Participação da Família e Rede de Apoio	105
Uso de Medicamentos no TEA	105
Referências Bibliográficas para Pesquisa	107
Sobre o Autor	109

Introdução

Seja bem-vindo ao manual **“Era uma vez... O Autismo”**, escrito com dedicação e sensibilidade para apoiar professores e profissionais de apoio escolar na jornada da inclusão.

Em um mundo cada vez mais atento à riqueza da diversidade humana, a sala de aula se consolida como um reflexo dessa pluralidade. Cada estudante carrega em si um universo próprio de habilidades, desafios e maneiras únicas de aprender e se relacionar. Entre esses universos, o do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige atenção especial, empatia e estratégias bem fundamentadas — não apenas para compreender suas singularidades, mas para criar oportunidades reais de participação, aprendizado e convivência.

Este manual foi criado como uma ferramenta prática para professores e profissionais de apoio que desejam ir além da compreensão teórica do autismo. Ele se propõe a ser um parceiro no cotidiano pedagógico, oferecendo estratégias aplicáveis, reflexões valiosas e caminhos possíveis para tornar o ensino mais acessível, humano e inclusivo. Mais do que um guia técnico, este material é um convite ao olhar sensível, ao compromisso com a inclusão e à construção de um espaço onde todos possam florescer — independentemente de seu perfil de desenvolvimento.

Promover uma educação inclusiva vai muito além de cumprir uma lei ou acompanhar uma tendência educacional. Trata-se de um compromisso ético e social que reconhece na diversidade uma fonte de valor e enriquecimento para toda a comunidade escolar. No caso do estudante com TEA, isso significa assegurar não apenas a matrícula, mas o acesso pleno ao currículo, a participação ativa nas atividades, o estímulo à interação social e a adaptação cuidadosa das metodologias de ensino, de modo que a aprendizagem seja significativa, respeitosa e transformadora. Nesse cenário, os professores e os profissionais de apoio ocupam um lugar de protagonismo — como mediadores, facilitadores e agentes de mudança.

Ao longo das páginas, você encontrará orientações claras sobre temas fundamentais — da compreensão do TEA às intervenções específicas, passando por adaptações do ambiente físico, uso de materiais didáticos adaptados, tecnologias assistivas e o fortalecimento da parceria com as famílias e equipes multidisciplinares.

Veja os principais temas abordados ao longo dos capítulos:

Capítulo 1 - Compreendendo o Autismo em Sala de Aula: Apresenta os conceitos fundamentais sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), desmistificando crenças equivocadas e esclarecendo suas principais características no contexto escolar. Aborda o processo diagnóstico, a importância da intervenção precoce e as comorbidades mais

frequentes, oferecendo ao professor uma base sólida para atuar com segurança e empatia.

Capítulo 2 - Conheça o Perfil Funcional do seu Aluno: Explica como a observação atenta e o registro sistemático do comportamento, da comunicação, das preferências e das reações do aluno podem ajudar na elaboração de intervenções pedagógicas personalizadas. Destaca a importância de enxergar o estudante além do diagnóstico, valorizando suas singularidades.

Capítulo 3 - A Importância da Rotina e Previsibilidade no Ambiente Escolar: Demonstra como a organização do tempo e das atividades escolares, por meio de rotinas claras e previsíveis, pode reduzir a ansiedade, facilitar a adaptação e promover maior autonomia dos alunos com TEA. Apresenta exemplos de quadros visuais, estratégias para transições e histórias sociais.

Capítulo 4 - Regulação Emocional: Mediação de Comportamentos e Crises: Orienta o professor sobre como reconhecer os sinais e os comportamentos que antecedem uma crise, intervir de forma respeitosa e acolhedora durante episódios de desregulação emocional, e planejar ações preventivas para reduzir sua frequência e impacto. Ressalta a importância de espaços de autorregulação e planos de ação individualizados.

Capítulo 5 - Estratégias de Apoio com Base no Perfil Sensorial: Explica o que é o perfil sensorial e como ele influencia o comportamento e a aprendizagem do aluno com TEA. Traz sugestões práticas de adaptações sensoriais, pausas estratégicas e uso de materiais acessíveis, respeitando as necessidades de cada criança.

Capítulo 6 - Comunicação Funcional: Estratégias Visuais e Verbais: Aborda formas de tornar a comunicação mais acessível para alunos com autismo, utilizando recursos visuais, sistemas de comunicação alternativa e aumentativa (CAA) e uma linguagem verbal clara, objetiva e adaptada. Ensina como promover a iniciativa comunicativa e facilitar a compreensão mútua.

Capítulo 7 - Adaptação do Ambiente Físico da Sala de Aula: Mostra como pequenas mudanças no espaço físico podem favorecer a concentração, reduzir a sobrecarga sensorial e tornar a sala de aula mais funcional, confortável e acolhedora para todos. Propõe a organização por zonas, controle de estímulos e uso de mobiliários acessíveis.

Capítulo 8 - DUA, Materiais Didáticos Adaptados e Recursos Tecnológicos: Apresenta o conceito de Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que propõe planejar e estruturar o ensino desde o início de forma acessível para todos os estudantes, eliminando barreiras e oferecendo múltiplas formas de engajamento, representação e expressão. Destaca a importância da mediação pedagógica e mostra estratégias para adaptar conteúdos, atividades e materiais escolares, garantindo que alunos com TEA tenham acesso real e significativo ao currículo. Explora também o uso de recursos tecnológicos como aliados no processo de aprendizagem, comunicação e autorregulação, valorizando ferramentas que promovam autonomia e participação ativa.

Capítulo 9 - Estratégias para o Ensino de Habilidades no Contexto Escolar: Oferece sugestões práticas para o ensino de leitura, escrita e matemática, levando em conta os estilos de aprendizagem e os interesses dos alunos com autismo.

Capítulo 10 - Promovendo a Interação e Habilidades Sociais: Explora formas de estimular o desenvolvimento de competências sociais nos alunos com TEA, favorecendo a convivência, o respeito mútuo e a participação nas atividades coletivas. Apresenta jogos, dinâmicas e mediações que incentivam a interação com os colegas.

Capítulo 11 - O Papel dos Colegas na Inclusão de Alunos com Autismo: Enfatiza a importância de sensibilizar a turma para a diversidade, promovendo empatia, cooperação e atitudes inclusivas. Traz propostas de atividades e intervenções que favorecem a construção de um ambiente escolar mais acolhedor, onde todos se sintam pertencentes.

Capítulo 12 - Como Lidar com Comportamentos Desafiadores: Ajuda o professor a compreender o comportamento como forma de comunicação, identificando possíveis gatilhos que podem influenciar esse comportamento. Apresenta estratégias preventivas e reativas que respeitam a dignidade do aluno e contribuem para a autorregulação e o bem-estar emocional.

Capítulo 13 - Colaboração com a Família e Equipe Multidisciplinar: Destaca o valor da parceria com a família e a importância do trabalho articulado com profissionais da saúde e da educação. Aborda formas eficazes de comunicação, construção de vínculos e elaboração de planos individualizados como o PAI (Plano de Atendimento Individualizado) e o PEI (Plano de Ensino Individualizado) com foco no desenvolvimento integral do aluno.

Capítulo 14 - Avaliação e Acompanhamento do Desenvolvimento: Propõe uma abordagem avaliativa flexível e respeitosa, que leve em conta o progresso individual do aluno com TEA. Traz orientações sobre instrumentos, registros e critérios que ajudam a monitorar a aprendizagem e ajustar as práticas pedagógicas com mais eficácia.

Além disso, o leitor encontrará um **Mini Guia para Profissionais de Apoio**, **Modelo de Autoavaliação Profissional** e um **Apêndice Informativo** com dados clínicos, diagnósticos, perguntas frequentes e considerações fundamentais sobre o autismo.

Que esta leitura seja mais do que um aprendizado — que seja um convite à escuta, ao respeito e à construção de uma educação cada vez mais justa, equitativa e inclusiva para todos.

Capítulo 1: Compreendendo o Autismo em Sala de Aula: Fundamentos para o Professor

Ao conhecer o Transtorno do Espectro Autista (TEA), professores e profissionais de apoio escolar encontram uma condição de neurodesenvolvimento que, apesar de apresentar manifestações complexas, pode ser entendida e trabalhada com sucesso no ambiente educacional. Este capítulo tem como objetivo oferecer uma base consistente de conhecimento, esclarecer conceitos equivocados e destacar as características principais do TEA, sempre com foco na prática pedagógica e na promoção de uma inclusão verdadeira.

Definição e Conceitos sobre o TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a forma como uma pessoa percebe o mundo e interage com ele. Não se trata de uma doença a ser curada, mas sim de uma variação no desenvolvimento cerebral que se manifesta em desafios persistentes na comunicação social, na interação social e na presença de padrões de comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos.

A compreensão do TEA evoluiu significativamente ao longo das décadas. Anteriormente, termos como autismo infantil, síndrome de Asperger e transtorno desintegrativo da infância eram utilizados para descrever diferentes apresentações da condição. No entanto, com a publicação da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) em 2013, essas categorias foram unificadas sob o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Essa mudança reflete a compreensão de que o autismo pode se manifestar em diferentes níveis de intensidade com uma ampla gama de habilidades e desafios individuais. O termo “espectro” é fundamental, pois enfatiza que não existem duas pessoas com autismo iguais; cada indivíduo possui um perfil único de pontos fortes e áreas que necessitam de apoio.

Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) também atualizou sua Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que entrou em vigor em 2022, alinhando-se ao conceito de espectro e consolidando o TEA como uma condição do neurodesenvolvimento. Essa harmonização das classificações diagnósticas reforça a visão de que o autismo é uma condição complexa, com bases neurobiológicas e que requer abordagens individualizadas e baseadas em evidências.

É fundamental que o professor entenda que o autismo não é uma doença contagiosa, nem consequência de falhas na criação ou de questões emocionais. Trata-se de uma condição neurológica, com forte base genética, que impacta o desenvolvimento desde os primeiros anos de vida. Compreender isso é essencial para quebrar preconceitos e assumir uma postura empática e inclusiva.

Desmistificando Conceitos sobre o Autismo

Ao longo dos anos, muitos mitos e ideias equivocados passaram a cercar o autismo, gerando estigma e dificultando sua compreensão e o oferecimento de um apoio adequado.

A desinformação pode levar a práticas inadequadas ou à falta de estratégias que favoreçam a inclusão. Conhecer a realidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA), com base em evidências e vivências reais, é um passo essencial para construir uma escola mais acolhedora e eficiente. A seguir listamos alguns desses mitos:

✗ Mito	✓ Verdade
Tecnologia e telas causam autismo.	Não há nenhuma evidência científica que comprove essa relação. O uso excessivo de telas pode afetar o desenvolvimento de qualquer criança.
“Todo autista é igual.”	O espectro autista é muito amplo. Cada pessoa tem um conjunto único de habilidades, desafios e formas de se comunicar.
“Autistas não querem fazer amigos.”	Muitos desejam relações sociais, mas podem ter dificuldades para iniciar ou manter interações. Com apoio, podem se socializar de maneira significativa.
“Vacinas causam autismo”	Diversos estudos científicos de alto rigor metodológico refutaram essa ideia. Vacinas não têm relação com o desenvolvimento do autismo.
“Autistas não aprendem.”	Pessoas com autismo aprendem sim, mas podem precisar de metodologias específicas, tempo diferenciado e ambientes mais acessíveis.
“Se o aluno fala, não é autista.”	Muitos autistas falam bem, inclusive de forma precoce. A linguagem oral não exclui o diagnóstico de TEA.
Autistas não gostam de contato físico.	Algumas pessoas autistas gostam de contato físico, enquanto outras preferem evitá-lo devido à hipersensibilidade sensorial ou a outros fatores, como dificuldade na interpretação social, desconforto emocional ou experiências anteriores negativas que também podem influenciar esse comportamento. Cada pessoa é única.

Características do TEA e suas Manifestações em Sala de Aula

As características do TEA se manifestam em duas áreas principais, conforme o DSM-5, e é crucial que o professor as reconheça e compreenda seu impacto no ambiente escolar:

1ª - Déficits na Comunicação Social e Interação Social

Esta área abrange uma série de desafios que podem variar em intensidade e apresentação. Para o professor, é fundamental observar como essas dificuldades se manifestam no dia a dia da sala de aula:

Dificuldades na Comunicação Verbal

Linguagem Literal: Alunos com TEA frequentemente interpretam a linguagem de forma literal, tendo dificuldade com metáforas, ironias, sarcasmo e expressões idiomáticas. Por exemplo, a frase “Está chovendo canivetes” pode ser entendida como uma chuva real de objetos pontiagudos, gerando confusão ou ansiedade. Isso exige do professor uma comunicação clara, direta e concreta.

Ecolalia: A repetição de palavras ou frases ouvidas, seja imediatamente (ecolalia imediata) ou após um tempo (ecolalia tardia). A ecolalia pode ter diferentes funções, como autorregulação, tentativa de comunicação ou processamento da linguagem. O professor deve observar o contexto para tentar compreender a função da ecolalia e não a interpretar apenas como uma repetição sem sentido.

Prosódia Atípica: A forma como a fala é modulada (tom, ritmo, volume, entonação) pode ser atípica. A voz pode ser monótona, muito alta ou muito baixa, ou ter um ritmo incomum. Isso pode dificultar a compreensão da intenção comunicativa do aluno e, por sua vez, a forma como ele é percebido pelos colegas.

Dificuldade em Iniciar e Manter Conversas: O aluno pode ter dificuldade em iniciar uma conversa, em saber quando é sua vez de falar, em manter o tópico da conversa ou em encerrá-la de forma apropriada. Isso pode levar a interações sociais limitadas ou a monólogos sobre seus interesses restritos.

Dificuldades na Comunicação Não Verbal

Contato Visual: Muitos indivíduos com TEA podem ter dificuldade em manter o contato visual, ou podem fazê-lo de forma breve ou intermitente. É importante lembrar que a ausência de contato visual não significa falta de atenção ou desinteresse, mas sim uma diferença na forma como processam estímulos sociais. Forçar o contato visual pode ser desconfortável e gerar ansiedade.

Expressões Faciais e Gestos: A dificuldade em interpretar e expressar emoções através de expressões faciais e gestos pode levar a mal-entendidos sociais. O aluno pode ter dificuldade em ler as emoções dos colegas e professores, e suas próprias expressões podem não corresponder ao seu estado emocional interno, o que pode ser percebido como falta de empatia.

Linguagem Corporal: A postura, a proximidade física e outros aspectos da linguagem corporal podem ser atípicos, dificultando a comunicação não verbal e a compreensão das pistas sociais. O professor deve estar atento a essas nuances para evitar interpretações equivocadas.

Desafios na Interação Social

Reciprocidade Social: A dificuldade em compartilhar interesses, emoções e afetos, e em responder de forma recíproca nas interações sociais. Isso pode se manifestar como uma aparente falta de interesse nos outros ou dificuldade em participar de brincadeiras de faz de conta.

Compreensão de Regras Sociais Implícitas: As regras sociais que a maioria das pessoas aprende intuitivamente (como esperar a vez, compartilhar, compreender piadas) podem ser um mistério para indivíduos com TEA. Isso exige um ensino explícito e estruturado dessas regras.

Impacto na Dinâmica da Sala de Aula e nas Relações com Colegas e Professores: As dificuldades de comunicação e interação social podem levar ao isolamento, bullying ou a mal-entendidos com colegas e professores. O professor tem um papel crucial em mediar essas interações e promover a aceitação e a compreensão mútua.

2ª - Padrões Restritos e Repetitivos de Comportamento, Interesses ou Atividades

Esta segunda área de manifestação do TEA também pode variar muito e impactar significativamente o aprendizado e o bem-estar do aluno:

Comportamentos Repetitivos e Estereotipados

Stimming (Estereotípias): Movimentos repetitivos como balançar o corpo, agitar as mãos (flapping), girar objetos, repetir sons ou palavras. Esses comportamentos são frequentemente utilizados para autorregulação, para lidar com a ansiedade, com a sobrecarga sensorial ou com a excitação. Não devem ser vistos como “manias” a serem eliminadas, mas sim como estratégias de enfrentamento que podem ser redirecionadas ou substituídas por outras mais socialmente aceitáveis, se necessário.

Rotinas: Uma forte necessidade de rotina e previsibilidade, com grande dificuldade em lidar com mudanças, mesmo as pequenas. O aluno pode insistir em seguir uma sequência específica de ações, comer os mesmos alimentos ou usar as mesmas roupas. Quebras na rotina podem gerar ansiedade, frustração e comportamentos desafiadores. O professor deve valorizar a rotina e preparar o aluno para quaisquer mudanças.

Interesses Altamente Restritos e Fixos (Hiperfoco)

O aluno pode desenvolver um interesse intenso e profundo por um tópico específico como, por exemplo, dinossauros, trens, mapas, personagens de desenhos animados. Esse interesse pode ser uma poderosa ferramenta de aprendizado, pois o aluno pode demonstrar um conhecimento enciclopédico sobre o assunto. O professor pode utilizar o hiperfoco para engajar o aluno em atividades acadêmicas, conectando o tema de interesse ao conteúdo curricular.

Hipersensibilidade ou Hipossensibilidade a Estímulos Sensoriais

Muitos indivíduos com TEA processam estímulos sensoriais (sons, luzes, texturas, cheiros, paladares) de forma diferente. Podem ser hipersensíveis (reagindo intensamente a sons baixos, luzes fluorescentes, certas texturas de roupas ou alimentos) ou hipossensíveis (buscando intensamente certos estímulos, como pressão profunda ou movimentos giratórios). Essas sensibilidades podem levar a sobrecarga sensorial impactando o comportamento e a capacidade de concentração do aluno. O professor deve adaptar o ambiente para acomodar essas sensibilidades.

Diagnóstico Precoce e a Importância da Intervenção

O diagnóstico do TEA é essencialmente clínico, baseado na observação do comportamento da criança e em relatos dos pais ou cuidadores. Não existe um exame médico específico (como um exame de sangue ou imagem) que diagnostique o autismo. Os sinais de alerta podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, embora o diagnóstico formal seja frequentemente estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade.

Sinais de Alerta em Diferentes Faixas Etárias:

- o Bebês (até 12 meses): Ausência de balbúcio, não responder ao nome, pouco contato visual, não apontar para objetos de interesse, não imitar gestos simples (como dar tchau).

- Crianças Pequenas (12-24 meses): Atraso na fala (não usar palavras simples aos 16 meses ou frases de duas palavras aos 24 meses), perda de habilidades de fala ou sociais previamente adquiridas, não participar de brincadeiras de faz de conta, dificuldade em compartilhar atenção com os pais.
- Crianças em Idade Pré-Escolar e Escolar: Dificuldade em fazer amigos, evitar contato visual, ter interesses muito restritos e intensos, aderir rigidamente a rotinas, ter sensibilidades sensoriais incomuns, falar de forma repetitiva ou com entonação incomum.

O Processo Diagnóstico:

O diagnóstico é realizado por uma equipe multidisciplinar que pode incluir pediatras, neurologistas infantis, psiquiatras infantis, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. Eles utilizam instrumentos de avaliação padronizados, entrevistas com os pais e observações clínicas para chegar a um diagnóstico preciso. A valorização do relato dos pais é fundamental, pois eles são os maiores observadores do desenvolvimento da criança em diferentes contextos.

A Relevância da Intervenção Precoce:

A intervenção precoce é especialmente importante para o desenvolvimento de pessoas com TEA. Quanto antes as intervenções forem iniciadas, maiores as chances de resultados positivos a longo prazo. Isso se deve à neuroplasticidade cerebral, que é a capacidade do cérebro de se adaptar e formar novas conexões, especialmente nos primeiros anos de vida. Intervenções precoces podem ajudar a desenvolver habilidades de comunicação, sociais, acadêmicas e de autorregulação, minimizando o impacto dos desafios associados ao autismo e promovendo uma melhor qualidade de vida.

Comorbidades Comuns no TEA

É importante que o professor esteja ciente de que o TEA frequentemente coexiste com outras condições, conhecidas como comorbidades. A identificação e o manejo adequado dessas comorbidades são essenciais para o bem-estar e o sucesso educacional do aluno. Algumas das comorbidades mais comuns incluem:

Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): Caracterizado por desatenção, hiperatividade e impulsividade. Pode dificultar a concentração em sala de aula e o seguimento de instruções. Estratégias para TDAH, como organização visual e pausas para movimento, podem ser benéficas.

Ansiedade e Depressão: Pessoas com TEA são mais propensas a desenvolver transtornos de ansiedade e depressão, muitas vezes devido às dificuldades sociais,

sobrecarga sensorial e a pressão de se adaptar a um mundo neurotípico. O professor deve estar atento a sinais de sofrimento emocional e encaminhar para apoio psicológico quando necessário.

Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC): Caracterizado por pensamentos obsessivos e comportamentos compulsivos. Pode se manifestar como rituais rígidos ou preocupações excessivas. É importante diferenciar o TOC dos comportamentos repetitivos do autismo, embora possam coexistir.

Epilepsia: Uma condição neurológica que causa convulsões. A prevalência de epilepsia é maior em pessoas com TEA do que na população geral. O professor deve estar ciente dos sinais de convulsão e saber como agir em caso de emergência.

Distúrbios do Sono: Dificuldades para iniciar ou manter o sono são comuns em pessoas com TEA, o que pode afetar o humor, a concentração e o comportamento durante o dia. Uma rotina de sono consistente e um ambiente tranquilo podem ajudar.

Problemas Gastrointestinais: Dificuldades alimentares, constipação e diarreia são frequentemente relatadas em pessoas com TEA. Embora a relação exata não seja totalmente compreendida, é importante considerar o impacto desses problemas no bem-estar geral do aluno.

O professor não é responsável por diagnosticar essas comorbidades, mas sim por observar e comunicar suas preocupações à família e à equipe multidisciplinar. A colaboração entre todos os envolvidos é fundamental para garantir que o aluno receba o suporte integral necessário para seu desenvolvimento e aprendizado.

Capítulo 2: Conheça o Perfil Funcional do Aluno

Cada estudante com autismo possui um modo único de perceber, aprender e se comunicar com o mundo. Por isso, mais importante do que o diagnóstico é entender o perfil funcional da criança.

Objetivo deste capítulo: ajudar o professor e o profissional de apoio a conhecer melhor o aluno.

Compreender o Perfil de Funcionamento de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial para que o professor consiga planejar intervenções pedagógicas verdadeiramente eficazes. Esse perfil vai além do diagnóstico clínico e nos permite enxergar o estudante em sua totalidade: seus modos de agir, reagir, interagir e aprender. Ele revela pontos fortes, desafios e necessidades específicas de apoio.

Cada criança com autismo apresenta um padrão particular de desenvolvimento. Enquanto algumas demonstram grande facilidade com memória visual ou leitura precoce, outras podem ter dificuldades significativas de linguagem e socialização. Por isso, é importante lembrar que não há um perfil único de autismo, mas sim múltiplas formas de estar no espectro.

A Importância da Observação e do Registro

A construção do perfil funcional deve ser feita por meio de observações sistemáticas em diferentes contextos: sala de aula, recreio, atividades dirigidas, interações espontâneas. Diálogos com a família e outros profissionais (como terapeutas, fonoaudiólogos e psicólogos) enriquecem a compreensão sobre como a criança se comporta em diferentes ambientes.

Para essa observação, é necessária a colaboração entre os professores da sala de aula regular, profissionais de apoio escolar, professores das disciplinas específicas da grade escolar, professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do Ensino Colaborativo, preferencialmente com a participação da coordenação pedagógica.

Conhecer e manter um registro dessas observações de forma organizada vai permitir que o professor:

- identifique padrões de comportamento e aprendizagem;
- antecipe situações de estresse ou crise;
- planeje estratégias específicas de ensino e apoio;
- avalie progressos e necessidades de adaptação ao longo do tempo.

Indicadores a serem Considerados

A tabela a seguir apresenta áreas fundamentais a serem observadas e documentadas:

Áreas	Exemplos de perguntas para observar
Comunicação	O aluno fala? Usa gestos? Usa figuras ou tecnologia? Compreende o que ouve?
Interação social	Como reage a colegas? Busca aproximação? Evita? Responde a interações?
Interesse e motivação	Quais temas, brinquedos ou atividades despertam seu interesse?
Sensibilidade sensorial	O que parece incomodar (barulho, luz, toque)? O que acalma?
Aprendizagem	Aprende melhor vendo, ouvindo ou fazendo? Precisa de ajuda para iniciar?
Regulação emocional	Como reage a frustrações? O que o acalma? Como lida com mudanças?

Como Usar o Perfil Funcional na Prática Pedagógica

Após coletar as informações, o professor pode elaborar uma ficha individual de anotações, como a do modelo a seguir, que servirá de guia para o planejamento de adaptações, mediações, materiais e recursos que serão informados nos Planos Individuais PEI e PAI.

Essa ficha de anotações deve ser revisada periodicamente, pois o perfil do aluno pode se transformar com o tempo e com as intervenções pedagógicas realizadas.

Atualizar esse registro garante que o atendimento continue responsivo às necessidades reais do estudante, promovendo avanços significativos na aprendizagem e na inclusão escolar.

Além disso, esse registro favorece o diálogo entre professores, equipe gestora, família e demais profissionais envolvidos, promovendo um trabalho colaborativo mais eficiente e centrado no aluno.

Exemplo de Ficha Simples de Anotações

Nome do aluno: _____

Idade: _____ Ano/série: _____

Comunicação: _____

Interação social: _____

Interesses: _____

Estilo de aprendizagem: _____

Sensibilidades sensoriais: _____

Estratégias que funcionam: _____

Sinais de sobrecarga: _____

Ocorrência de Crises

Motivos: _____

Intervenções: _____

O que funciona: _____

Conheça seu Aluno

Conhecer o perfil funcional do aluno com autismo é um passo essencial para promover uma inclusão verdadeira. Esse conhecimento fortalece o vínculo entre educador e estudante, valoriza as potencialidades e reduz barreiras que dificultam o processo de ensino-aprendizagem. O olhar atento e acolhedor do professor pode transformar a experiência escolar e criar caminhos de sucesso para cada aluno, respeitando sua singularidade e dignidade.

Capítulo 3: A Importância da Rotina e Previsibilidade no Ambiente Escolar

Imagine navegar por um mundo onde as regras mudam constantemente sem aviso prévio, onde o que se espera de você é incerto e o ambiente ao seu redor é uma mistura de estímulos imprevisíveis. Para muitos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa é a sensação de estar em um ambiente escolar sem rotina e previsibilidade. A necessidade de uma estrutura clara não é um capricho, mas uma condição fundamental para que se sintam seguros, reduzam a ansiedade e, consequentemente, estejam disponíveis para aprender.

A Necessidade de Estrutura para Alunos com TEA

Para indivíduos com TEA o mundo pode ser um lugar caótico e imprevisível. A forma como seus cérebros processam informações pode torná-los mais sensíveis a mudanças e menos capazes de filtrar estímulos irrelevantes. A ausência de uma estrutura clara e previsível pode gerar altos níveis de ansiedade, frustração e, em muitos casos, levar a comportamentos desafiadores como forma de comunicação ou autorregulação.

A rotina funciona como um mapa, oferecendo um caminho claro e conhecido através do dia escolar. Quando um aluno sabe o que vai acontecer e em que ordem, o esforço cognitivo que seria gasto tentando decifrar o ambiente e antecipar o desconhecido pode ser redirecionado para a aprendizagem. A previsibilidade diminui a sobrecarga sensorial e emocional, prevenindo muitos dos comportamentos desafiadores que, na verdade, são respostas a um estado de estresse e confusão.

Além disso, a rotina e a previsibilidade promovem a independência e a autonomia. Quando o aluno internaliza a sequência de eventos, ele se torna menos dependente de instruções verbais constantes do professor, liberando o educador para outras demandas e capacitando o aluno a gerenciar seu próprio tempo e atividades. Isso contribui para o desenvolvimento da autoconfiança e da sensação de controle sobre o próprio ambiente.

Estratégias para Implementar Rotinas Visuais Eficazes

Implementar uma rotina eficaz em sala de aula vai além de simplesmente seguir um horário. Trata-se de tornar o tempo e as expectativas visíveis e concretos. A principal ferramenta para isso é o horário ou quadro de rotina visual. Utilizando fotos, pictogramas (desenhos simples) ou palavras escritas, você pode criar uma sequência clara das atividades do dia. Este quadro deve estar em um local visível para o aluno,

que pode consultá-lo sempre que necessário. Para muitas crianças, a possibilidade de manipular o quadro, como retirar a imagem da atividade já concluída, proporciona uma sensação tangível de progresso e controle.

Tipos de Quadros de Rotina Visual, Temporizadores e Histórias Sociais

Quadros “Primeiro-Depois”: Simples e eficazes, eles apresentam duas atividades em sequência como, por exemplo: “Primeiro: Matemática, Depois: Recreio”. Isso ajuda a motivar o aluno a completar uma tarefa menos preferida para acessar uma mais desejada.

Quadros de Sequência Diária: Apresentam a sequência de todas as atividades do dia escolar, de forma linear (vertical ou horizontal). Podem ser usados com velcro para que o aluno ou professor remova as atividades concluídas.

Agendas Individuais: Pequenas agendas que o aluno pode carregar consigo, com a rotina do dia ou de uma parte específica do dia. Permitem maior autonomia e discrição.

Como Criar e Usar:

1. **Personalização:** Utilize imagens ou símbolos que o aluno compreenda e que sejam relevantes para ele. Fotos do próprio aluno realizando as atividades ou fotos reais do ambiente podem ser muito eficazes.
2. **Clareza e Simplicidade:** Cada imagem ou símbolo deve representar uma única atividade. Evite sobrecarga visual.
3. **Acessibilidade:** O quadro deve estar em um local de fácil acesso e visualização para o aluno. A altura deve ser adequada à sua estatura.
4. **Consistência:** Use o quadro de rotina de forma consistente. Apresente a rotina no início do dia e consulte-o regularmente. Se houver mudanças, comunique-as no quadro.
5. **Reforço Positivo:** Elogie o aluno por seguir a rotina e por sua independência ao consultá-la.

Ana, uma aluna de 6 anos que possui TEA, ficava muito ansiosa durante as transições de atividades. Sua professora implementou um quadro de rotina visual com fotos das atividades do dia. Antes de cada transição, a professora avisava com 2 minutos de antecedência e Ana consultava o quadro, o que a ajudou a se preparar e a realizar as transições com muito menos estresse.

Sugestões para Quadros de Rotinas Visuais

Horário	Atividade	Imagem
7:30	Chegada	[desenho da escola]
8h	Roda de conversa	[imagem dos alunos conversando]
9h	Atividade de escrita	[imagem do caderno e lápis]
10h	Recreio	[pátio, refeitório, parquinho]
10:30	História	[livro]
11:30	Almoço	[imagem do prato ou da mesa onde se senta]
12h	Saída	[imagem do portão ou similar]



Figura 1 - <https://atividadescomamor.com.br/produto/rotina-ensino-fundamental/>



Figura 2 - <https://compartilhandosaberes.com.br/loja/datas-comemorativas/janeiro/rotinasala2024/>

Temporizadores Visuais e Auditivos:

Para ajudar o aluno a compreender a duração das atividades e a se preparar para as transições, os temporizadores são ferramentas valiosas. Temporizadores visuais (como relógios, cronômetros, aplicativos de marcar tempo, até ampulhetas) podem ser úteis, pois oferecem uma representação concreta do tempo que passa. Temporizadores auditivos (alarmes, sinos) também podem ser usados, mas é importante considerar a sensibilidade auditiva do aluno.

Histórias Sociais para Explicar Rotinas e Mudanças:

As histórias sociais, criadas por Carol Gray, são narrativas curtas e personalizadas que descrevem uma situação social, habilidade ou conceito em termos claros e tranquilizadores. Elas podem ser usadas para explicar a rotina da sala de aula, o que esperar em cada atividade, ou como lidar com mudanças na rotina. Ao apresentar a informação de forma previsível e estruturada, as histórias sociais ajudam a reduzir a ansiedade e a preparar o aluno para o que está por vir. Essa abordagem ganha cada vez mais espaço no Brasil, e sua aplicação pode gerar excelentes resultados.

Exemplo de História Social

Título: “O que posso fazer quando fico bravo?”

Às vezes eu fico bravo. Isso é normal.

Quando fico bravo, posso respirar fundo.

Posso apertar minha bolinha.

Posso ir até o cantinho da calma.

Quando fico calmo, posso voltar a brincar.



Figura 3 - Exemplo de imagens com texto



Figura 4 - Exemplo de imagens para criar a história social

Gerenciando Transições

As transições entre atividades são momentos particularmente desafiadores para muitos alunos com TEA. Sair de uma tarefa preferida para uma mais difícil, ou simplesmente mudar de um ambiente para outro (por exemplo, da sala de aula para o pátio), pode ser desestabilizador. A dificuldade em processar a mudança e a incerteza do que virá a seguir podem gerar ansiedade e comportamentos desafiadores.

Estratégias para Facilitar Transições:

1. Avisos Antecipados: Sempre avise o aluno com antecedência sobre uma transição que vai acontecer. Use frases claras e concretas, como “Em cinco minutos, vamos guardar os livros para a aula de artes”. Combine o aviso verbal com um temporizador visual se necessário.
2. Músicas de Transição: Uma canção curta e específica para cada transição pode sinalizar o fim de uma atividade e o início de outra, ajudando o aluno a se preparar mentalmente para a mudança.
3. Objetos de Transição: Para alguns alunos, um objeto de transição (um item que a criança pode levar de uma atividade para outra, como um brinquedo sensorial pequeno) pode servir como uma âncora de segurança e ajudar a processar a mudança.
4. Sequência Clara: Certifique-se de que a sequência da transição seja clara e previsível. Por exemplo, “Guardar o material, levantar da cadeira, ir para a porta”.
5. Reforço Positivo: Elogie e reforce o aluno por fazer uma transição suave e por seguir as instruções.

Preparação para Mudanças Inesperadas na Rotina

Embora a rotina seja fundamental, a vida escolar é dinâmica e mudanças inesperadas podem ocorrer (por exemplo, um professor substituto, um evento especial, um colega ausente). A chave é a antecipação e a preparação. Sempre que possível, prepare o aluno para a mudança. Utilize o quadro de rotina para mostrar a alteração, crie uma história social explicando o que vai acontecer de diferente, ou use um calendário para marcar o evento especial. Explicar o “porquê” da mudança, de forma simples e concreta, também pode ajudar. O objetivo não é evitar todas as mudanças, mas ensinar ao aluno a lidar com elas de forma segura e com apoio.

Benefícios da Rotina para Toda a Turma:

Ao estabelecer uma rotina visual e previsível, você não está apenas beneficiando o aluno com autismo; você está criando uma sala de aula mais organizada e tranquila para todos. A estrutura e a clareza são pilares de uma boa pedagogia, e ao implementá-las, você constrói uma base sólida sobre a qual todo o aprendizado pode florescer. Uma sala de aula com rotinas claras:

- **Reduz a Ansiedade Geral:** todos os alunos se beneficiam da previsibilidade, o que diminui a ansiedade e o estresse, criando um ambiente mais calmo e propício ao aprendizado.
- **Promove a Independência:** alunos aprendem a gerenciar seu tempo e suas tarefas de forma mais autônoma, sem a necessidade de instruções constantes.
- **Melhora o Comportamento:** a clareza das expectativas e a redução da incerteza levam a menos comportamentos desafiadores em toda a turma.
- **Otimiza o Tempo de Ensino:** menos tempo é gasto em gerenciamento de comportamento e transições, liberando mais tempo para o ensino e a aprendizagem.
- **Incentiva a Inclusão:** ao criar um ambiente que atende às necessidades de alunos com TEA, a escola se torna mais inclusiva para todos os tipos de alunos.

Capítulo 4: Regulação Emocional: Mediação de Comportamentos e Crises

A mediação de comportamentos refere-se ao conjunto de estratégias pedagógicas, preventivas e interventivas que o professor utiliza para compreender, orientar e apoiar os comportamentos dos alunos, especialmente diante de desafios. Envolve observar, antecipar gatilhos e responder de forma estruturada, respeitosa e funcional.

É importante destacar que comportamento e crise não são sinônimos. A diferença entre eles está, geralmente, na intensidade, no foco da reação e no contexto em que ocorrem:

- **Comportamento desafiador:** pode incluir ações como gritar, sair do lugar ou não responder, geralmente com menor intensidade e em situações mais previsíveis. Costuma ter uma função (fugir de uma tarefa, buscar atenção etc.).
- **Crise:** é um episódio mais intenso e desorganizado, muitas vezes fora do controle voluntário do aluno. Pode envolver colapsos emocionais, agressividade, choro intenso, fuga ou autoagressão. Crises geralmente indicam sobrecarga sensorial, emocional ou falta de estratégias de regulação.

Compreender essa diferença ajuda o professor a atuar de forma mais adequada, seja oferecendo suporte preventivo ou intervindo com calma e segurança quando necessário.

Compreendendo o que é uma Crise

Crianças com autismo podem, em alguns momentos, vivenciar o que chamamos de colapsos emocionais ou meltdowns. Diferente de uma birra (que geralmente tem um objetivo claro, como conseguir algo), uma crise acontece quando a criança não consegue mais lidar com o excesso de estímulos ou emoções. É uma reação involuntária e intensa. Essas crises podem ocorrer por:

- sobrecarga sensorial (barulhos altos, luzes fortes, toques inesperados);
- quebra de rotina ou mudanças inesperadas;
- frustrações que não conseguem ser expressas verbalmente;
- excesso de exigências cognitivas ou sociais.

Sinais que Antecedem uma Crise

Observar os sinais com antecedência pode ajudar a prevenir ou amenizar a crise. Fique atento a:

- aumento de agitação (inclui balanços, ecolalias repetidas, andar em círculos);
- isolamento repentino;
- afastamento dos colegas ou da atividade;
- choro ou riso fora de contexto;
- irritabilidade sem motivo claro.

Dica prática: Tenha um “cartão de pausa” ou um “combinado” com a criança para que ela possa sinalizar quando estiver se sentindo sobrecarregada.

Espaço de Regulação: O Cantinho da Calma

Ter um local acolhedor e estruturado na sala de aula ou em outro local na escola pode ajudar a criança a se regular emocionalmente antes que a crise aconteça. Esse espaço pode conter:

- fones abafadores de ruído;
- luz indireta ou baixa;
- brinquedos sensoriais (bolinhas, elásticos, almofadas com texturas);
- figuras com emoções ou escalas de humor;
- cartaz com técnicas de respiração (ex: “cheira a florzinha, apaga a velinha”).

Esse espaço não deve ser usado como castigo, mas como ferramenta de apoio à autorregulação.

O que Fazer Durante uma Crise

- Mantenha a calma: Mesmo que o momento seja tenso e desafiador, seu tom de voz e postura devem ser neutros e seguros. Evite falar alto ou fazer muitos gestos.
- Afaste outros alunos: Garanta a segurança do aluno em crise e dos colegas, sem que a criança se sinta exposta ou punida.
- Reduza os estímulos: Se possível, leve o aluno para um local mais calmo e silencioso, com menos estímulos e gatilhos. Diminuir as luzes e os sons pode ser uma excelente estratégia nesse momento.
- Não argumente nem questione: Evite perguntas como “por que você está fazendo isso?”. A criança não consegue raciocinar logicamente nesse momento.
- Ofereça contenção emocional, não física: Frases como “Você está seguro”, “Vai passar” ou “Estou aqui com você” ajudam mais do que toques ou contenções físicas.

Após a Crise: Acolher, Refletir e Registrar

Depois que a crise passa, a criança pode sentir-se cansada, confusa ou até envergonhada. É importante:

- Dar tempo para que ela se recupere;
- Evitar repreensões;
- Conversar com calma, usando frases simples como: “O que podemos fazer juntos da próxima vez para você se sentir melhor?”;
- Registrar o ocorrido em uma ficha simples, anotando:
 - O que aconteceu antes
 - Qual foi o comportamento observado
 - Como foi a resposta da equipe
 - O que funcionou / o que precisa melhorar

Plano de Ação Individual para momentos de crise

Toda escola deve construir, com ajuda da equipe da Educação Especial, um plano com estratégias personalizadas. Esse plano pode incluir:

Situação	Estratégia definida
Barulho no pátio	Permissão para usar abafador
Atividade difícil	Uso de cartão “preciso de ajuda”
Transição entre aulas	Avisos visuais e Rotina
Início de sobrecarga	Acesso ao cantinho da calma
Pós-crise	Conversa com o professor de confiança

Lembre-se: A crise também é oportunidade de aprendizagem

Cada crise comportamental representa uma janela de observação e aprendizagem. Mais do que um momento de desorganização, ela oferece dados valiosos sobre os gatilhos, limites e necessidades sensoriais e emocionais do aluno.

Ao compreender o que antecede e o que acalma a crise, o professor pode planejar intervenções mais eficazes e individualizadas. A gestão adequada desses episódios promove a construção de confiança, segurança emocional e autorregulação ao longo do tempo.

Quando a escola acolhe, adapta o ambiente e responde com estratégias consistentes, o aluno aprende a confiar, a se expressar e, gradualmente, desenvolve habilidades de enfrentamento e comunicação.

Capítulo 5: Estratégias de Apoio com Base no Perfil Sensorial

Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar diferenças significativas no modo como percebem o mundo ao redor. Alguns são hipersensíveis (reagem com intensidade a sons, cheiros, luzes ou toques), enquanto outros são hipossensíveis (buscam estímulos mais fortes para sentir). Compreender o **perfil sensorial** de cada estudante é essencial para oferecer um ambiente mais seguro, confortável e propício à aprendizagem.

Nota: Embora o professor possa levantar dados iniciais por meio de sua prática diária, é muito importante que esse processo seja orientado por um **Terapeuta Ocupacional** com formação específica, garantindo uma compreensão mais precisa e técnica.

O que é um Perfil Sensorial?

O perfil sensorial é o conjunto de reações que a criança tem aos estímulos do ambiente — como som, luz, toque, movimento, sabor, temperatura. Ele pode variar de acordo com o estado emocional do aluno, o ambiente e o momento do dia.

- **Hipersensível:** sente “demais”. Pode se incomodar com sons, luzes, cheiros, texturas.
- **Hipossensível:** sente “de menos”. Pode buscar estímulos mais fortes, como apertar objetos, balançar o corpo ou falar alto.

Adaptações por Tipo de Estímulo

Estímulo Auditivo

Sinais de hipersensibilidade	Estratégias
Tampar os ouvidos, irritar-se com barulhos, isolar-se	Ofereça fones abafadores, mantenha portas fechadas, reduza o uso de microfones ou apitos
Sinais de hipossensibilidade	Estratégias
Fala alto, faz sons repetitivos, bate objetos para gerar barulhos	Permita momentos controlados para explorar sons, use músicas calmas durante pausa e transições

Estímulo Visual

Hipersensível	Luzes fortes incomodam, evita olhar para a lousa ou telas
Estratégias	Use iluminação indireta ou luz natural suave, reduza o excesso de estímulos visuais na sala (cartazes, cores vibrantes), ofereça óculos com lentes levemente escuras ou filtros visuais, posicione o aluno longe de luzes diretas ou reflexos
Hipossensível	Olhar fixo em luzes, interesse e atração por objetos brilhantes
Estratégias	Utilize materiais com cores contrastantes e letras coloridas, inclua texturas visuais (relevos, brilhos, luzes) em atividades, use jogos de percepção visual para estimular a atenção, explore livros com imagens vibrantes e elementos visuais móveis

Estímulo Tátil

Hipersensível	Rejeita toques, recusa materiais com texturas (massinha, areia)
Estratégias	Sempre avise antes de tocar na criança, ofereça ferramentas como pinças, pincéis ou luvas para intermediar o toque, proporcione adaptações como massinhas mais firmes ou tecidos menos ásperos, incentive o tato de forma gradual e respeitosa
Hipossensível	Busca contato excessivo, encosta em tudo, morde objetos
Estratégias	Disponibilize brinquedos sensoriais (spinners, bolinhas de textura, massinhas), ofereça colares ou pulseiras mordedores apropriados, use caixas sensoriais com objetos diversos para exploração controlada, planeje momentos com materiais táteis variados (tecidos, espuma, velcro)

Estímulo Vestibular e Proprioceptivo

Hipersensível	Evita balanço, escadas, se assusta com movimentos bruscos
Estratégias	Introduza movimentos leves, estimule o alongamento suave e respiração profunda, adapte atividades motoras com segurança e previsibilidade, evite mudanças bruscas de posição ou brincadeiras agitadas sem preparo
Hipossensível	Gira o corpo, se balança, pula sem parar, busca movimento constante
Estratégias	Ofereça brincadeiras com percursos e obstáculos (pular, rastejar, escalar), utilize bolas grandes, túneis, cordas ou elásticos, crie circuitos motores com tarefas de equilíbrio e força, proponha danças com músicas marcadas e movimentos guiados

Crie uma Rotina com Pausas Sensoriais

Incluir momentos curtos de regulação sensorial durante o dia pode ajudar a manter o foco e evitar crises. Exemplos de pausas:

- respirar fundo com apoio visual;
- beber água;
- atividade rápida com elástico de tensão ou bolinha de apertar;
- sentar por 2 minutos em ambiente tranquilo;
- alongamento com uma música suave.

Dica: Programe essas pausas em horários estratégicos como, por exemplo, antes de avaliações, após o recreio ou ao final de uma atividade exigente.

Sugestões de Materiais Sensoriais Acessíveis na Escola

Categoria	Exemplos
Tátil	Almofadas com texturas, velcro, areia mágica, massinhas, tecidos diferentes, brinquedos sensoriais
Auditivo	Fones com redutor de ruído, instrumentos de percussão suave, músicas calmas e relaxantes em diferentes frequências
Visual	Painéis com luzes suaves, figuras com LED, óculos com lente âmbar, óculos escuros
Proprioceptivo	Faixas elásticas, bolas de borracha, coletes com peso leve
Olfativo (com cuidado)	Cheirinhos suaves em sachês ou difusores com óleos essenciais (lavanda, camomila) – apenas com autorização da família

Reconheça e Respeite o Perfil Sensorial

Reconhecer e respeitar o perfil sensorial de cada aluno com TEA é um passo essencial para garantir que ele se sinta seguro, compreendido e acolhido no ambiente escolar, permitindo que o aprendizado ocorra de maneira mais leve, eficaz e significativa.

Mais do que aplicar estratégias prontas, é preciso observar, escutar e ajustar constantemente o ambiente e as práticas pedagógicas, oferecendo aos estudantes oportunidades reais de participação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Quando o professor compreende que o comportamento muitas vezes é uma resposta sensorial, ele deixa de enxergar ‘problemas’ e passa a identificar necessidades, tornando-se um facilitador de experiências que promovem inclusão de verdade e não apenas de direito.

Capítulo 6: Comunicação Funcional: Estratégias Visuais e Verbais

A comunicação é a espinha dorsal de qualquer processo de ensino-aprendizagem. Para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no entanto, a comunicação pode ser uma via de mão dupla repleta de desafios. Suas particularidades na compreensão e expressão podem levar a mal-entendidos, frustrações e, conseqüentemente, a dificuldades no engajamento escolar e nas interações sociais.

Este capítulo explora estratégias visuais e verbais que o professor pode empregar para construir pontes de comunicação eficazes, garantindo que a mensagem seja compreendida e que o aluno tenha meios para se expressar.

Nota: Mesmo que uma criança com autismo não utilize comunicação verbal de forma desenvolvida, isso não significa ausência de comunicação. Crianças autistas podem se expressar de diversas maneiras: por gestos, expressões faciais, apontamentos, olhares, movimentos corporais, uso de figuras, objetos ou tecnologias assistivas (como pranchas de comunicação e dispositivos eletrônicos). Toda forma de comunicação que alcança um objetivo — pedir algo, recusar, expressar desconforto ou buscar interação — é válida e significativa. Esses sinais são excelentes pontos de partida para promover o desenvolvimento da linguagem, da autonomia e das interações sociais.

O papel do professor e da equipe escolar é valorizar essas formas alternativas de expressão, interpretá-las com empatia e oferecer oportunidades para ampliá-las, respeitando o tempo e o perfil de cada aluno.

A Importância da Comunicação Visual

Para muitos indivíduos com TEA, o processamento da informação visual é uma força, enquanto a informação auditiva e verbal pode ser mais desafiadora. Isso ocorre porque a informação visual é estática, concreta e permanece disponível para processamento por mais tempo, ao contrário da fala, que é transitória e exige um processamento rápido. Utilizar recursos visuais não é apenas uma adaptação, mas uma forma de aproveitar um ponto forte que o aluno já tem, tornando a comunicação mais acessível e com menos ansiedade.

Benefícios da Comunicação Visual:

- Redução da Ansiedade: a previsibilidade visual diminui a incerteza e a ansiedade, pois o aluno pode ver o que se espera dele.
- Aumento da Compreensão: informações visuais são mais concretas e menos ambíguas do que as verbais.
- Promoção da Independência: os alunos podem consultar os recursos visuais de forma autônoma, sem depender de instruções constantes.
- Facilitação de Transições: sequências visuais ajudam a preparar o aluno para mudanças.
- Suporte à Memória: imagens e símbolos atuam como lembretes visuais, auxiliando na retenção de informações.

Sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA)

Os Sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) são um conjunto de ferramentas e estratégias que complementam ou substituem a fala para pessoas com dificuldades de comunicação. Para alunos com TEA que são não-verbais, a CAA pode ser um divisor de águas, oferecendo uma voz e permitindo que se expressem, façam escolhas e participem ativamente do ambiente escolar.

Tipos de CAA:

- PECS: um sistema baseado na troca de figuras, no qual o aluno entrega uma figura para expressar um desejo ou necessidade. Começa com a troca de uma figura por um item desejado e avança para a construção de frases e comentários. É amplamente utilizado e eficaz para desenvolver a comunicação funcional.
- Pranchas de Comunicação: são quadros com figuras, símbolos ou palavras que o aluno pode apontar para expressar ideias, sentimentos ou necessidades. Podem ser temáticas (ex: prancha de atividades, prancha de sentimentos) ou mais abrangentes.
- Dispositivos Geradores de Fala/Aplicativos em Tablets: dispositivos eletrônicos ou aplicativos em tablets que permitem ao aluno selecionar imagens ou digitar palavras, e o dispositivo “fala” a mensagem. Oferecem uma ampla gama de vocabulário e personalização.

- Sinais e Gestos: embora a fala seja o objetivo principal, alguns alunos podem se beneficiar do uso de sinais ou gestos simples para complementar sua comunicação verbal ou como uma forma primária de expressão.

Como o Professor Pode Integrar a CAA:

1. Modelagem: o professor deve usar a CAA ao se comunicar com o aluno, apontando para as figuras ou usando o dispositivo gerador de fala enquanto fala. Isso mostra ao aluno como usar o sistema.
2. Oportunidades de comunicação: crie oportunidades intencionais para o aluno usar a CAA, como oferecer escolhas de atividades ou materiais.
3. Ambiente rico em símbolos: rotule objetos na sala de aula com figuras, crie cartazes ou quadros para regras e rotinas.
4. Colaboração: Trabalhe em conjunto com fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais para selecionar e implementar o sistema de CAA mais adequado para cada aluno.

Estratégias para uma Comunicação Verbal Clara e Direta

Mesmo com o uso de recursos visuais e CAA, a comunicação verbal do professor continua sendo fundamental. No entanto, é preciso adaptá-la para atender às particularidades de processamento de linguagem dos alunos com TEA. Muitos autistas acabam utilizando o processamento Gestalt na maneira que aprendem e usam a linguagem.

Dicas para o Professor:

- Linguagem concreta e literal: evite metáforas, ironias, sarcasmo e expressões idiomáticas. Seja direto e objetivo. Em vez de dizer “Vamos voar na atividade”, diga “Vamos fazer a atividade bem rápido”.
- Frases curtas e simples: use sentenças curtas e com estrutura gramatical simples. Evite frases complexas com muitas orações subordinadas (que dependem de outra oração principal, para ter sentido completo. Exemplo: “Quando você acabar de copiar a lição que está no quadro, leve seu caderno até a mesa da professora para que eu corrija antes de você ir para casa.”)
- Uma instrução por vez: dê uma instrução por vez, espere o aluno processar e iniciar a ação antes de dar a próxima instrução. Por exemplo, em vez de “Pegue o lápis, abra o caderno na página 10 e comece a escrever”, diga “Pegue o lápis.” (espere) “Abra o caderno na página 10.” (espere) “Comece a escrever.”

- Ritmo lento e pausas: fale em um ritmo mais lento, com pausas entre as frases, para dar tempo ao aluno para processar a informação.
- Repetição e reformulação: se o aluno não compreender, repita a instrução usando as mesmas palavras ou reformule-a de forma ainda mais simples e direta.
- Uso de nomes: chame o aluno pelo nome antes de dar uma instrução para garantir que ele esteja prestando atenção.
- Evitar perguntas retóricas: perguntas como “Você pode pegar o livro?” podem ser interpretadas literalmente. Prefira instruções diretas: “Pegue o livro.”
- Verificar a compreensão: peça ao aluno para repetir a instrução ou demonstrar o que entendeu para verificar se a mensagem foi clara.

Promovendo a Expressão e a Iniciativa Comunicativa

Além de garantir que o aluno compreenda as instruções, é igualmente importante criar um ambiente que o encoraje a se expressar e a tomar iniciativa na comunicação. Muitos alunos com TEA podem ter dificuldades em iniciar interações ou em expressar suas necessidades e desejos de forma espontânea.

Estratégias para Incentivar a Expressão:

- Oferecer escolhas: apresente opções visuais (ex: duas figuras de atividades) e peça ao aluno para escolher. Isso incentiva a comunicação funcional.
- Criar oportunidades de pedido: coloque itens desejados (brinquedos, lanches) em locais visíveis, mas ligeiramente fora do alcance, para que o aluno precise pedir ajuda ou o item.
- Comunicação de necessidades: ensine explicitamente como pedir uma pausa, ir ao banheiro, ou pedir ajuda, utilizando figuras ou frases simples.
- Responder a todas as tentativas de comunicação: mesmo que a comunicação seja atípica (ex: balbucios, palavras sem sentido, ecolalia, gestos), responda de forma positiva e tente compreender a intenção. Isso reforça que a comunicação é valorizada.

- Encorajar a comunicação de sentimentos: utilize escalas visuais de emoções ou cartões de sentimentos para ajudar o aluno a identificar e expressar como se sente.
- Mostre como se faz: demonstre como iniciar uma conversa, fazer uma pergunta ou responder a um cumprimento. Use histórias sociais para praticar essas habilidades.

O Papel da Tecnologia na Comunicação

A tecnologia oferece um vasto leque de ferramentas que podem potencializar a comunicação de alunos com TEA. Além dos dispositivos geradores de fala, existem aplicativos e softwares que auxiliam no desenvolvimento de habilidades sociais, na organização de pensamentos e na expressão de ideias.

Exemplos de Recursos Tecnológicos

- Aplicativos de agenda visual: permitem criar rotinas e horários personalizados com imagens e lembretes.
- Aplicativos de histórias sociais: ferramentas para criar e personalizar histórias sociais de forma interativa.
- Aplicativos de desenvolvimento de habilidades sociais: jogos e atividades interativas que ensinam sobre expressões faciais, emoções e situações sociais.
- Softwares de escrita assistiva: para alunos com dificuldades motoras ou de escrita, são softwares que podem ser muito úteis, pois convertem fala em texto ou oferecem predição (sugestão de próximas palavras).

Ao dominar e aplicar essas estratégias de comunicação visual e verbal, o professor não apenas facilita o aprendizado do aluno com TEA, mas também promove sua participação ativa e sua inclusão plena na sala de aula.

A comunicação eficaz é a chave para desbloquear o potencial de cada estudante, construindo um ambiente onde todos se sintam ouvidos, compreendidos e valorizados.

Capítulo 7: Adaptação do Ambiente Físico da Sala de Aula

O ambiente físico da sala de aula desempenha um papel crucial no processo de aprendizagem de todos os alunos, mas para aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sua organização e características podem ser determinantes para o sucesso ou o fracasso da inclusão.

Um ambiente bem adaptado pode minimizar distrações, reduzir a sobrecarga sensorial, promover a autorregulação e facilitar a concentração, tornando-se um poderoso aliado pedagógico. Este capítulo explora como o professor pode transformar o espaço físico da sala de aula em um ambiente mais acolhedor e funcional para alunos com TEA.

Compreendendo o Impacto do Ambiente no Aluno com TEA

Alunos com TEA frequentemente processam informações sensoriais de forma diferente. O que para um aluno neurotípico pode ser um estímulo neutro ou até agradável (como a luz fluorescente, o burburinho da sala, o cheiro de tinta), para um aluno com TEA pode ser uma fonte de grande desconforto, distração ou até dor. Essa hipersensibilidade ou hipossensibilidade sensorial pode levar a:

- Sobrecarga sensorial: excesso de estímulos visuais, auditivos, olfativos ou táteis que o cérebro não consegue filtrar adequadamente, resultando em estresse, ansiedade e, por vezes, em colapsos (meltdowns) ou desligamentos (shutdowns).
- Dificuldade de concentração: distrações visuais ou auditivas podem impedir o aluno de focar na tarefa ou na instrução do professor.
- Comportamentos de autorregulação: o aluno pode recorrer a comportamentos repetitivos (stimming) ou buscar isolamento para tentar gerenciar a sobrecarga sensorial.
- Resistência ao ambiente: o aluno pode desenvolver aversão à sala de aula ou a certas atividades devido ao desconforto sensorial.

Reconhecer que o ambiente pode ser um fator de estresse é o primeiro passo para criar um espaço que promova o bem-estar e a aprendizagem. O objetivo não é eliminar todos os estímulos, mas sim gerenciá-los de forma a criar um ambiente previsível, seguro e com opções para o aluno regular sua própria entrada sensorial.

Estratégias de Organização e Estruturação do Espaço

A organização física da sala de aula deve ser clara, previsível e funcional. A abordagem TEACCH, por exemplo, enfatiza a importância da estrutura física para alunos com TEA, utilizando a organização do espaço para comunicar expectativas e facilitar a transição entre atividades.

Zonas Funcionais:

Dividir o ambiente escolar em zonas com propósitos claros ajuda o aluno a entender o que se espera dele em cada área. Exemplos:

- Área de trabalho individual: um espaço calmo, com poucas distrações, onde o aluno pode focar em tarefas acadêmicas. Pode ser a sua própria mesa e cadeira da sala de aula.
- Área de atividades em grupo: espaço para atividades colaborativas e interação social (pátio ou quadra, por exemplo).
- Área de descanso/autorregulação: um espaço tranquilo, com poucos estímulos, onde o aluno pode se retirar para se acalmar, usar recursos sensoriais (como almofadas pesadas ou fones de ouvido) ou simplesmente ter um momento de pausa. Este espaço não deve ser usado como punição.

Organização de Materiais:

Todos os materiais devem ser organizados de forma lógica e visualmente clara. Utilize:

- Etiquetas visuais: caixas, prateleiras e gavetas devem ser etiquetadas com figuras e palavras para indicar o que está guardado em cada local. Isso promove a independência e a previsibilidade.
- Sistemas de cores: cores diferentes para diferentes tipos de materiais ou para identificar materiais de cada aluno.
- Acesso facilitado: materiais de uso frequente devem estar ao alcance do aluno.

Minimizando Distrações Sensoriais

Gerenciar os estímulos sensoriais é fundamental para criar um ambiente de aprendizagem eficaz. Pequenas mudanças podem fazer uma grande diferença.

Estímulos Visuais:

- Reduzir a poluição visual: evite excesso de cartazes, decorações e informações nas paredes. Mantenha o ambiente limpo e organizado. O que é decorativo para alguns pode ser uma distração esmagadora para outros.
- Iluminação: a luz fluorescente pode ser incômoda para alguns alunos. Se possível, utilize luz natural, lâmpadas com luz mais suave ou filtros para as lâmpadas fluorescentes. Se o ambiente permitir, ofereça um boné ou óculos de sol para o aluno, se ele for se sentir mais confortável.
- Organização de carteiras: posicione a carteira do aluno em um local com menos distrações, longe de janelas muito movimentadas ou portas. Uma carteira voltada para a parede ou com divisórias pode ser útil.

Estímulos Auditivos:

- Reduzir o ruído: o arrastar de cadeiras, o barulho do corredor podem ser perturbadores. Considere o uso de tapetes, cortinas, proteção nos pés de mesas e cadeiras, etc. Fones de ouvido com cancelamento de ruído podem ser uma ferramenta valiosa para o aluno durante atividades que exigem maior concentração ou em momentos de sobrecarga.
- Instruções claras e baixo volume: fale em um tom de voz calmo e claro. Evite gritar ou falar muito alto. Use um microfone se a sala for muito grande e a voz do professor não estiver sendo ouvida.
- Música e sons: use música ambiente suave ou sons da natureza para criar um ambiente mais relaxante, se o aluno não tiver aversão a esses sons. Evite músicas com letras ou ritmos muito marcados durante atividades que exigem concentração.

Estímulos Olfativos e Táteis:

- Cheiros: evite o uso de perfumes fortes, produtos de limpeza com cheiro intenso ou alimentos com odores muito marcantes na sala de aula, pois podem ser aversivos para alguns alunos.

- Texturas: esteja atento às texturas dos materiais didáticos, dos móveis e até das roupas. Ofereça opções de materiais com diferentes texturas para atividades sensoriais, se o aluno buscar esse tipo de estímulo. Permita que o aluno utilize objetos sensoriais discretamente, se isso o ajudar a se autorregular.

Flexibilidade e Individualização

Embora as diretrizes gerais sejam importantes, a chave para uma adaptação bem-sucedida do ambiente é a flexibilidade e a individualização. Cada aluno com TEA é único e suas necessidades sensoriais e de organização podem variar significativamente.

- Observação atenta: observe o aluno em diferentes situações e ambientes. O que o distrai? O que o acalma? Quais são seus comportamentos de autorregulação?
- Diálogo com a família: os pais são a principal fonte de informação sobre as sensibilidades e preferências do aluno. Mantenha um diálogo aberto e constante.
- Feedback do aluno: se o aluno tiver capacidade de comunicação, pergunte a ele o que o ajuda ou o que o incomoda no ambiente.
- Experimentação: esteja disposto a experimentar diferentes arranjos e estratégias. O que funciona para um pode não funcionar para outro.
- Plano Individualizado (PAI ou PEI): as adaptações ambientais devem ser parte integrante do Plano Individualizado do aluno, revisado e ajustado periodicamente.

Ao criar um ambiente físico que respeite as particularidades sensoriais e de processamento de informações dos alunos com TEA, o professor não apenas facilita a aprendizagem, mas também demonstra respeito e valorização pela individualidade de cada um.

Um ambiente adaptado é um ambiente inclusivo, onde todos os alunos se sentem seguros, confortáveis e capazes de alcançar seu pleno potencial. É um espaço que comunica sem palavras.

Capítulo 8: DUA, Materiais Didáticos Adaptados e Recursos Tecnológicos

No coração de uma educação inclusiva reside a capacidade de adaptar e personalizar o processo de ensino-aprendizagem para atender às necessidades individuais de cada aluno. O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) reforça essa ideia ao propor um planejamento educacional flexível que considera as diversas formas através das quais os estudantes aprendem. Baseado em três princípios fundamentais — múltiplos meios de engajamento, múltiplos meios de representação e múltiplos meios de ação e expressão — o DUA busca eliminar barreiras no currículo, promovendo um ambiente onde todos, inclusive alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), possam acessar, compreender e participar ativamente das atividades escolares. Para esses alunos, a flexibilidade na apresentação do conteúdo e a utilização de materiais didáticos adaptados, juntamente com o aproveitamento estratégico de recursos tecnológicos, são pilares fundamentais para garantir o acesso ao currículo e promover uma aprendizagem significativa.

Este capítulo explora como o professor pode selecionar, criar e utilizar esses recursos de forma eficaz.

A Importância da Adaptação de Materiais

Alunos com TEA podem apresentar diferentes estilos de aprendizagem, com uma forte preferência por informações visuais e concretas. Além disso, podem ter dificuldades para entender o que ouvem, pensar de forma abstrata e aplicar o que aprendem em diferentes situações. Materiais escolares tradicionais — que geralmente usam muita linguagem e conceitos complexos — podem ser difíceis de compreender e, por esse motivo, sua adaptação se faz necessária. Ela visa:

- tornar o conteúdo acessível: transformar informações complexas em explicações de fácil compreensão;
- reduzir a sobrecarga cognitiva: apresentar o conteúdo de forma clara e organizada, minimizando distrações;
- promover a independência: permitir que o aluno interaja com o material de forma autônoma;
- engajar o aluno: utilizar formatos e temas que captem os interesses do aluno;
- facilitar a generalização: ajudar o aluno a aplicar o que aprendeu em diferentes contextos.

Tipos de Adaptações de Materiais Didáticos

As adaptações podem variar desde pequenas modificações até a criação de materiais completamente novos, dependendo das necessidades do aluno.

1. Adaptações Visuais:

- Organizadores visuais: mapas mentais, diagramas, fluxogramas e tabelas para organizar informações e mostrar relações entre conceitos. Ajudam a visualizar a estrutura do conteúdo.
- Cartões de tarefas/instruções: sequências de passos para uma atividade, apresentadas visualmente com figuras ou palavras-chave. Podem ser usados para rotinas, tarefas acadêmicas ou habilidades sociais.
- Materiais com imagens e símbolos: substituir ou complementar texto com imagens (fotos, pictogramas, desenhos) para tornar o conteúdo mais concreto. Exemplos incluem livros adaptados, cartões de vocabulário com imagens, e instruções visuais para experimentos ou receitas.
- Realce visual: usar cores, marcadores, negrito ou sublinhado para destacar informações importantes em textos ou exercícios.

2. Adaptações de Formato e Apresentação:

- Redução da quantidade de informação: dividir tarefas longas em etapas menores e mais gerenciáveis. Apresentar menos itens por página ou menos informações por slide.
- Espaçamento e tamanho da fonte: aumentar o espaçamento entre linhas e o tamanho da fonte para melhorar a legibilidade e reduzir a sobrecarga visual.
- Uso de cores e contrastes: utilizar cores de fundo e de texto que proporcionem bom contraste e sejam confortáveis para a visão do aluno.
- Materiais manipuláveis: blocos, quebra-cabeças, contas e outros objetos concretos que permitem ao aluno interagir fisicamente com o conceito que está sendo ensinado. Essenciais para o ensino de matemática e ciências.
- Textos simplificados: reescrever textos complexos em linguagem mais simples e direta, com vocabulário acessível e frases curtas.

3. Adaptações de Conteúdo:

- Conexão com interesses específicos: integrar os interesses restritos do aluno (hiperfoco) nos materiais didáticos. Por exemplo, usar dinossauros para ensinar matemática ou personagens de desenhos animados para a leitura.
- Relevância e funcionalidade: tornar o conteúdo relevante para a vida diária do aluno, focando em habilidades funcionais e práticas.

Para elaborar materiais adaptados levando em conta o hiperfoco ou os interesses do aluno, é possível utilizar ferramentas de Inteligência Artificial como a **Genioo** do site tismo.com.br, a plataforma **Wordwall**, o **Inclui.ai** (que adapta atividades enviadas em segundos), o **MemorizAI** (que explica conteúdos de forma adaptada), o **Jedai** (que cria cursos completos a partir de comandos), e iniciativas como o **Garimpeiro Educacional** e o **CIIA-DF** (que desenvolvem recursos inclusivos e tutores virtuais). Também é possível explorar plataformas internacionais, como **Magic School** e **Megaprofe.es**, além de usar inteligências como o **ChatGPT** e o **Manus** para criar atividades personalizadas de acordo com o nível, interesse e estilo de aprendizagem do estudante.

João, um aluno com TEA de 8 anos, tinha grande dificuldade em iniciar tarefas de escrita. A professora Maria, percebendo seu hiperfoco em dinossauros, criou um organizador gráfico visual com imagens de dinossauros para ajudá-lo a estruturar suas ideias para uma redação. João, motivado pelo tema, conseguiu organizar seus pensamentos e produzir um texto de forma mais autônoma e com entusiasmo.

Planejar para a inclusão não significa fazer algo totalmente à parte, mas sim pensar o currículo com flexibilidade, conforme orienta o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), para que todos tenham oportunidade de aprender.

Como Adaptar sem Excluir?

Situação	Estratégia Inclusiva
O aluno não acompanha a leitura da turma	Ofereça áudio do texto, leitura compartilhada, fotos e ilustrações
Dificuldade em copiar da lousa	Entregue cópia impressa ou use letra ampliada
Não entende instruções complexas	Use passo a passo visual ou em tópicos
Fica agitado em atividades longas	Divida a tarefa em partes menores com pausas combinadas
Apresenta escrita ilegível	Permita o ditado ao professor, uso de dispositivo eletrônico ou colagem de palavras

Recursos Tecnológicos como Ferramentas de Apoio

A tecnologia é uma aliada poderosa na educação inclusiva, oferecendo uma vasta gama de ferramentas que podem personalizar o ensino, promover a comunicação e engajar alunos com TEA.

1. Aplicativos e Softwares Educacionais:

- Aplicativos de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA): aplicativos que permitem a comunicação através de símbolos e voz sintetizada.
- Aplicativos de agenda visual e temporizadores: auxiliam na organização da rotina e na compreensão do tempo.
- Aplicativos para desenvolvimento de habilidades sociais: jogos e simulações interativas que ensinam sobre emoções, expressões faciais e situações sociais.
- Aplicativos de leitura e escrita: ferramentas que oferecem suporte à leitura (texto para fala, realce de palavras) e à escrita (predição de palavras, teclado adaptado).
- Jogos educacionais: jogos que ensinam conceitos acadêmicos de forma interativa e engajadora, muitas vezes com feedback imediato.

2. Ferramentas de Tecnologia Assistiva:

- Fones de ouvido com cancelamento de ruído: essenciais para alunos com hipersensibilidade auditiva, ajudando a criar um ambiente mais calmo e focado.
- Teclados e mouses adaptados: para alunos com dificuldades motoras finas, teclados com teclas maiores ou mouses adaptados podem facilitar a interação com o computador.
- Tablets com caneta digital: permitem que o aluno escreva ou desene digitalmente, o que pode ser menos frustrante do que a escrita tradicional para alguns.
- Softwares de reconhecimento de voz: para alunos com dificuldades de escrita, pode ser uma ferramenta transformadora.
- Canetas leitoras: para alunos com dificuldade na leitura.

3. Recursos Online e Plataformas de Aprendizagem:

- Vídeos educacionais: plataformas como YouTube oferecem uma infinidade de vídeos que podem explicar conceitos de forma visual e auditiva, muitas vezes mais acessível do que um texto.
- Simulações interativas: sites e softwares que permitem ao aluno experimentar conceitos de ciências ou matemática de forma prática e segura.
- Plataformas de aprendizagem personalizada: ambientes online que adaptam o ritmo e o nível de dificuldade do conteúdo às necessidades do aluno.

Ferramentas Tecnológicas para Inclusão

A tecnologia pode ser uma grande aliada para promover a autonomia, a expressão e o acesso ao conteúdo por parte dos alunos com necessidades específicas. Abaixo seguem algumas sugestões de sites e aplicativos amplamente utilizados por educadores e profissionais de apoio para planejar intervenções mais acessíveis e eficazes:

Escrita e Expressão

Ferramenta	Descrição	Fonte / Site
Google Docs (ditado por voz)	Função integrada ao Google Docs que permite ditar oralmente o texto. O aluno fala e o texto é automaticamente digitado.	https://docs.google.com → Ferramentas > Digitação por voz
Speechnotes	Aplicativo e site de transcrição de fala para texto. Compatível com Android e navegador.	https://speechnotes.co
Caneta digital Tablet	Ideal para alunos com dificuldades motoras finas. Modelos como Galaxy Tab com S Pen oferecem boa adaptação.	Fabricantes: Samsung, Apple, Lenovo

Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA)

Ferramentas que apoiam a comunicação de pessoas não verbais ou com dificuldades significativas de linguagem. Todas as opções abaixo estão disponíveis em português.

Ferramenta	Descrição	Site
CBoard	Aplicativo gratuito de CAA com imagens e voz sintetizada. Funciona online e offline, possui interface em português e permite criar pranchas.	https://www.cboard.io/pt
LetMeTalk	App de CAA gratuito e offline. Possui galeria com mais de 9.000 imagens e permite a formação de frases com símbolos.	https://www.letmetalk.info
SymboTalk	Plataforma online com interface simples para criar pranchas de símbolos e frases com voz em português. Permite personalização e uso em grupo.	https://www.symbotalk.com/pt
AraWord	Editor de texto gratuito que insere automaticamente pictogramas (do ARASAAC) sobre as palavras digitadas. Excelente para criar materiais acessíveis.	https://www.arasaac.org/software

Ferramenta	Descrição	Site
Beluga Talk	Ferramenta online brasileira que transforma texto em fala com interface acessível. Possui modo escuro e navegação por varredura.	https://ifrs.edu.br
ARABoard	Programa que permite criar pranchas de comunicação personalizadas com imagens, sons, cores e estrutura visual organizada.	https://cta.ifrs.edu.br
Prancha Fácil	Software brasileiro para criar pranchas visuais de forma simples e intuitiva, com foco no uso escolar.	https://cta.ifrs.edu.br
Plaphoons	Criação de pranchas de comunicação com pictogramas e sons.	https://cta.ifrs.edu.br
Scala	Software brasileiro voltado à alfabetização de crianças com TEA, utilizando recursos visuais e CAA.	https://cta.ifrs.edu.br
Comunicação	App brasileiro colaborativo que permite montar frases com pictogramas, sintetizar voz e acompanhar o progresso do usuário.	https://caa-comun.netlify.app

Organização e Rotina

Ferramenta	Aplicação	Site
Time Timer	Relógio visual que auxilia na noção concreta de tempo para transições e tarefas. Mostra o tempo passando de forma concreta, ideal para crianças com TEA.	https://www.timetimer.com
Google Keep (Checklist digital)	Aplicativo gratuito para criar listas com imagens, marcações e lembretes.	https://keep.google.com

Ferramenta	Aplicação	Site
Canva	Criação de quadros de rotina personalizados com ícones, fotos e textos. Plataforma de design fácil de usar para criar quadros de rotina com imagens, ícones e fotos reais.	https://www.canva.com/pt_br

Como Implementar Materiais Adaptados e Tecnologia

Para que a adaptação de materiais e o uso da tecnologia sejam eficazes, o professor deve seguir algumas diretrizes:

1. Avaliação individualizada: comece com uma avaliação cuidadosa das necessidades, pontos fortes e interesses do aluno. O que funciona para um, pode não funcionar para outro.
2. Colaboração: trabalhe em conjunto com a equipe multidisciplinar (fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos) e, especialmente, com a família. Eles podem oferecer insights valiosos e sugestões de recursos.
3. Treinamento e modelagem: ensine o aluno a utilizar os materiais adaptados e as ferramentas tecnológicas. Mostre como se usa, oferecendo suporte e reforçando positivamente quando o aluno faz por conta própria.
4. Integração no currículo: as adaptações não devem ser um “extra”, mas sim parte integrante do planejamento curricular. Pense em como o material adaptado se encaixa nos objetivos de aprendizagem.
5. Flexibilidade e revisão: esteja aberto a ajustar e modificar os materiais e as tecnologias conforme o aluno progride ou suas necessidades mudam. O que funciona hoje, pode precisar de ajustes amanhã.
6. Cuidado com a sobrecarga: evite introduzir muitas informações de uma vez. Comece com o que é mais essencial e adicione gradualmente o que for necessário.

Ao adotar uma postura proativa fundamentada nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), na adaptação de materiais didáticos e na integração de recursos tecnológicos, o professor não apenas facilita o acesso ao conhecimento para alunos com TEA, mas também enriquece a experiência de aprendizagem para toda a turma.

Conhecendo mais o DUA e sua Relação com Materiais Adaptados e Tecnologias

O **Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)** é um conjunto de princípios e diretrizes criado para orientar educadores a planejarem experiências de ensino que atendam à diversidade de formas de aprender presentes em uma sala de aula. Em vez de pensar apenas em adaptações pontuais para alguns alunos, o DUA propõe que o planejamento já seja inclusivo desde o início, evitando barreiras que dificultem a participação e o aprendizado de qualquer estudante.

O DUA foi desenvolvido pelo CAST (Center for Applied Special Technology) e é fundamentado na ideia de que o cérebro humano aprende de diferentes formas, utilizando múltiplas redes de processamento da informação. Ele organiza suas orientações em três grandes princípios.

O **primeiro princípio** é oferecer múltiplos meios de engajamento, o que significa criar diferentes formas de motivar e envolver os alunos, respeitando seus interesses, perfis e necessidades emocionais. No contexto do Capítulo 8, isso significa que um professor pode, por exemplo, incorporar temas de interesse (hiperfoco) do aluno com TEA nos materiais didáticos, aumentando a motivação para participar.

O **segundo princípio** é oferecer múltiplos meios de representação, ou seja, variar a forma como o conteúdo é apresentado. O DUA sugere o uso de diversos formatos — textos, imagens, áudios, vídeos, infográficos e objetos manipuláveis — para garantir que todos tenham acesso à informação de uma forma que faça sentido para seu estilo de aprendizagem. Isso se conecta diretamente às adaptações visuais, de formato e de conteúdo, como o uso de organizadores gráficos e materiais com pictogramas, presentes neste capítulo.

O **terceiro princípio** é oferecer múltiplos meios de ação e expressão, o que envolve dar opções para que o aluno demonstre o que aprendeu de formas variadas: oralmente, por escrito, com recursos digitais, por meio de desenhos ou apresentações visuais. Essa ideia está ligada, neste capítulo, às estratégias que incluem o uso de tablets, ditado por voz e softwares de reconhecimento de fala para alunos que têm dificuldade com a escrita manual.

Esse capítulo descreveu como adaptar materiais e usar tecnologia para tornar o ensino mais acessível a alunos com TEA. Esses recursos, quando pensados sob o olhar do DUA, deixam de ser uma ação isolada para um único aluno e passam a compor um planejamento pedagógico inclusivo para todos.

Por exemplo, no princípio de engajamento, no caso de João que tinha interesse por dinossauros, o uso de imagens desse tema para estruturar sua redação é uma aplicação direta, aumentando o vínculo emocional com a tarefa. No princípio de representação, os cartões de tarefas visuais ou textos simplificados são estratégias que atendem a diferentes estilos de aprendizagem, beneficiando não apenas alunos com TEA, mas também estudantes com dificuldades de leitura ou compreensão oral. Já no

princípio de ação e expressão, permitir que o aluno use um tablet com caneta digital ou faça o ditado por voz no Google Docs é uma forma de valorizar suas potencialidades, eliminando barreiras motoras ou de escrita manual.

Os benefícios do DUA na prática escolar incluem a redução da necessidade de adaptações individuais, pois quando o conteúdo já é oferecido de várias formas, menos alunos precisarão de mudanças específicas. Além disso, o DUA também favorece a autonomia, pois os estudantes podem escolher como acessar e expressar o conteúdo, exercendo, assim, sua independência.

Outro ponto é a promoção da equidade, já que todos têm acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem, ainda que por caminhos diferentes. Além disso, o DUA incentiva a aprendizagem colaborativa, permitindo que cada aluno contribua com seus pontos fortes e aprenda com os demais.

Um exemplo prático que integra o DUA são as adaptações e tecnologias que podem ser vistas quando o professor vai dar uma aula sobre o ciclo da água. No engajamento, o professor pode usar um vídeo animado com legendas e ajuste de velocidade, além de curiosidades relacionadas a interesses da turma. Na representação, pode oferecer um mapa mental visual, um texto simplificado com imagens e uma simulação interativa online. Já na ação e expressão, pode permitir que alguns alunos façam um desenho, outros gravem um áudio explicativo e outros criem uma apresentação.

Enquanto a adaptação de materiais e a aplicação de recursos tecnológicos garantem que alunos com TEA tenham acesso ao currículo, o DUA propõe que esse planejamento seja feito desde o início visando atingir todos os alunos. Assim, em vez de remendar o currículo para atender a quem encontra barreiras, cria-se um currículo flexível que já nasce inclusivo.

Quadro-Resumo – DUA e Estratégias do Capítulo

Princípio do DUA	O que significa	Exemplos do Capítulo
Múltiplos meios de engajamento	Criar diferentes formas de motivar e envolver os alunos, considerando interesses, preferências e necessidades emocionais.	Uso do hiperfoco do aluno (dinossauros) para estimular a escrita; escolha de temas de interesse para atividades; jogos e simulações digitais interativas que despertam curiosidade e promovem participação ativa.
Múltiplos meios de representação	Apresentar o conteúdo de diferentes maneiras para facilitar a compreensão, contemplando recursos visuais, auditivos, táteis e digitais.	Organizadores visuais, mapas mentais, pictogramas, vídeos educativos, textos adaptados, simulações online, uso de cores e realces visuais, além de materiais manipuláveis como blocos, quebra-cabeças e outros recursos que favoreçam a construção de significado.
Múltiplos meios de ação e expressão	Oferecer várias formas para o aluno demonstrar o que aprendeu, respeitando suas habilidades e estilos de comunicação.	Uso de tablets com caneta digital para produção escrita ou desenhos, softwares de reconhecimento de voz para ditado, aplicativos que transformam fala em texto, gravação de áudios explicativos, criação de apresentações digitais e uso de pranchas de comunicação para expressão de ideias.

Capítulo 9: Estratégias para o Ensino de Habilidades no Contexto Escolar

O ensino de habilidades acadêmicas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige, muitas vezes, uma abordagem pedagógica diferenciada.

Cada criança com autismo tem uma trajetória única na aprendizagem da leitura e da escrita. Para muitas delas, o processo de alfabetização pode ser desafiador, mas totalmente possível, desde que respeite seu ritmo, seus interesses e seu estilo de aprendizagem.

Embora possam apresentar desafios em áreas como comunicação e interação social, muitos alunos com TEA possuem pontos fortes significativos, como a capacidade de processar informações visuais, atenção aos detalhes e memória para fatos específicos. Captar esses pontos fortes e adaptar as metodologias de ensino é crucial para o sucesso acadêmico. Este capítulo explora estratégias eficazes para o ensino de leitura, escrita e matemática, garantindo que o currículo seja acessível e significativo.

Princípios Gerais para Alfabetização e Letramento de Alunos com TEA

Antes de mergulhar nas estratégias específicas para cada disciplina, é importante estabelecer alguns princípios gerais que devem guiar o ensino acadêmico de alunos com TEA:

- **Instrução direta e explícita:** evite suposições. Ensine cada passo de forma clara e direta, sem deixar margem para interpretações diferentes. O que para outros alunos pode ser deduzido, para muitos alunos com TEA precisa ser ensinado de forma clara.
- **Estrutura e previsibilidade:** mantenha a rotina e a estrutura nas atividades acadêmicas. Apresente o que será ensinado, como será ensinado e o que se espera do aluno. Isso reduz a ansiedade e aumenta a disponibilidade para a aprendizagem.
- **Concreto e visualização:** utilize materiais concretos e recursos visuais sempre que possível. Transforme conceitos abstratos em algo tangível e visível. Isso facilita a compreensão e a retenção da informação.
- **Individualização:** reconheça que cada aluno com TEA é único. Adapte as estratégias e os materiais às necessidades, interesses e pontos fortes individuais do aluno.

- Reforço positivo e feedback imediato: elogie o esforço e o progresso do aluno. Ofereça feedback claro e imediato sobre seu desempenho, ajudando-o a entender o que fez bem e o que precisa ser melhorado.
- Uso das habilidades: ensine o aluno a aplicar as habilidades aprendidas em diferentes contextos e situações. Isso pode exigir prática em ambientes variados e com diferentes pessoas.

Estratégias para a Leitura

A leitura é uma ferramenta essencial para que as crianças tenham acesso ao mundo do conhecimento. No caso dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é importante lembrar que cada criança tem um jeito próprio de aprender. Alguns conseguem “decifrar” bem as palavras (ler as letras e formar os sons), mas têm dificuldade para entender o que estão lendo. Outros ainda estão desenvolvendo essa etapa inicial da leitura.

Pensando nisso, aqui estão algumas estratégias práticas para ajudar no processo de leitura com esses alunos:

1. Trabalhando a Consciência Fonológica e a Decodificação

- **Ensine de forma clara os sons das letras (fonemas):** Use métodos fônicos, apresentando os sons e suas representações gráficas de forma bem organizada e sequencial. Faça isso em etapas curtas e repetidas.
- **Utilize materiais concretos e visuais:** Cartões com letras e figuras, blocos com letras móveis, letras em EVA ou em alto relevo são ótimos aliados. O toque, a visão e o som juntos ajudam a fixar o aprendizado.
- **Repetição com variação:** Ler as mesmas palavras ou frases curtas várias vezes ajuda na fluência, mas varie os contextos — troque os personagens, cenários ou objetivos para manter o interesse.

2. Fortalecendo a Compreensão do Texto

- **Use organizadores visuais:** Diagramas, quadros com “início, meio e fim” ou mapas mentais ajudam a criança ou o adolescente com TEA a entender a estrutura das histórias e das informações.
- **Faça perguntas simples e objetivas:** Comece com perguntas literais (que estão no texto) que buscam informações explícitas e vá, com o tempo, introduzindo perguntas que exijam pensar um pouco mais para identificar informações implícitas como “por que ele fez isso?”.

- **Apoie-se em imagens:** Mostre figuras relacionadas ao texto ou peça que a criança desenhe o que entendeu. Isso ajuda a dar sentido ao que foi lido.
- **Adapte histórias conhecidas:** Transforme contos ou fábulas em histórias sociais, com linguagem simples e personagens bem definidos. Isso facilita a compreensão de emoções e acontecimentos.
- **Conecte com aquilo que a criança já conhece:** Antes da leitura, converse sobre o tema. Se a história é sobre animais, pergunte se ela tem um animal de estimação, por exemplo. Isso cria um vínculo com o conteúdo.

3. Estimulando a Fluência e o Interesse pela Leitura

- **Leia junto com o aluno:** Faça leituras compartilhadas. Leia uma frase, depois peça para ele repetir. Mostre como entonar a voz, dar pausas e expressar emoções.
- **Dê opções de leitura:** Permita que a criança ou o adolescente escolha o livro ou texto, de acordo com seus interesses (dinossauros, trens, super-heróis, espaço, etc.). Isso aumenta o envolvimento.
- **Dê um propósito claro à leitura:** Estabeleça um objetivo antes de começar (“Vamos ler para descobrir o que o coelho está procurando?”). Isso ajuda a manter o foco e a atenção.
- **Use a tecnologia a seu favor:** Aplicativos de leitura com sons, animações ou que leem textos em voz alta podem ser bons recursos para complementar o aprendizado.

Muitas vezes, ensinar uma criança ou adolescente autista a ler ou progredir como leitor é, antes de tudo, um ato de escuta, paciência e adaptação. O ritmo pode ser diferente, mas o potencial está lá — e com as estratégias certas, ele floresce. O mais importante é respeitar o tempo do aluno e tornar o ato de ler prazeroso, significativo e acessível para ele.

Estratégias para Ensinar a Escrever

A escrita é uma habilidade complexa que envolve não apenas o movimento das mãos, mas também o pensamento, a organização das ideias e a expressão dos sentimentos. Para os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo pode apresentar desafios em diferentes áreas — alguns têm mais dificuldade na parte motora; outros, na hora de colocar as ideias no papel.

Com isso em mente, seguem estratégias práticas e adaptadas para apoiar esses estudantes:

1. Trabalhando a Escrita Manual e a Coordenação Motora Fina

- **Atividades prévias à escrita:** Antes de escrever, é essencial fortalecer os músculos das mãos e desenvolver o controle motor. Atividades como traçar linhas, ligar pontos, contornar formas, brincar com massinha, recortar e colar ajudam bastante.
- **Use materiais adaptados:** Lápis mais grossos ou com borrachas de apoio, papel com linhas largas e visíveis, pranchetas inclinadas ou mesas com apoio, tesouras adaptadas... Esses recursos podem facilitar muito o processo, evitando cansaço e melhorando a caligrafia.
- **Aposte na tecnologia, quando necessário:** Para alunos com mais dificuldades motoras, o uso de tablets, teclados adaptados, aplicativos de escrita com sugestão de palavras ou até ferramentas que transformam fala em texto podem ser alternativas eficientes.

2. Ajudando na Organização das Ideias e Produção de Textos

- **Ofereça apoio visual:** Usar organizadores gráficos, como mapas mentais, esquemas com início, meio e fim, listas de ideias ou quadros com perguntas (Quem? Onde? O quê?) ajuda o aluno a estruturar o texto antes mesmo de começar a escrever.
- **Mostre como se faz:** Escreva junto com o aluno, pensando em voz alta. Modelize, ou seja, mostre como você planeja, escreve um rascunho, corrige erros e melhora o texto. Essa escrita guiada ajuda a criança a entender que escrever é um processo, não um produto final imediato.
- **Divida a tarefa em etapas pequenas:** Escrever pode ser muito cansativo e confuso se feito de uma vez. Divida o processo em partes: planejar, escrever a primeira versão, revisar e finalizar. Trabalhe cada uma dessas etapas com calma e clareza.
- **Ofereça roteiros de apoio:** Dar um roteiro simples, com frases iniciais (“Era uma vez...”, “Eu gosto de...”, “O que aconteceu foi...” ou sugestões de estrutura (parágrafos já definidos), pode ajudar o aluno a começar e manter o foco.

- **Aproveite os interesses do estudante:** Muitos alunos com TEA têm interesses intensos e específicos. Use isso como vantagem — incentive a escrita sobre o que o aluno mais gosta. Isso faz com que ele se sinta mais seguro, animado e envolvido com a tarefa.

Dicas para Alfabetizar Alunos com TEA

- **Invista em rotinas claras e previsíveis:** estudantes com autismo aprendem melhor quando sabem o que esperar.
- **Use métodos fônicos estruturados:** ensinar sons e letras de forma direta, com repetições, amplia a chance de associação entre fala e escrita.
- **Associe imagem, gesto e som:** utilize cartões com figuras, letra e apoio visual ou gestual (como LIBRAS).
- **Aposte nos interesses do aluno:** se ele gosta de dinossauros, use palavras como “T-Rex”, “osso”, “dino”, ou o nome de algum dinossauro como ponto de partida para formar sílabas e frases.
- **Reforce por múltiplos canais:** combine leitura em voz alta, manipulação de letras móveis, escrita com o dedo na areia ou na tela.
- **Observe sinais de sobrecarga sensorial:** barulho, toque ou excesso de estímulos visuais podem interferir no foco e na permanência na atividade.

Dicas de Como Lidar com Dificuldades Específicas

- **Dificuldade para nomear letras ou sons?** Use jogos simples com reforço visual e auditivo.
- **Aluno se recusa a escrever?** Permita outras formas de registro: ditado oral, escolha de imagens, montagem de palavras com alfabeto móvel.
- **Desatenção?** Divida a tarefa em pequenos blocos e combine pausas ativas com reforço positivo.

Mais do que focar na forma, é essencial valorizar a intenção comunicativa do aluno — a vontade de se expressar, do seu jeito, com seus recursos. Quando nos abrimos para diferentes formas de escrever e comunicar, abrimos portas para que esses alunos mostrem todo o seu potencial.

Estratégias para o Ensino de Matemática

A matemática, com sua natureza lógica e sistemática, pode ser uma área de força para muitos alunos com TEA. No entanto, conceitos abstratos, problemas com múltiplas etapas ou a necessidade de generalizar habilidades para diferentes contextos podem apresentar desafios. As estratégias devem focar no concreto, na visualização e na aplicação prática.

1. Concreto e Manipulável:

- Materiais concretos: Utilize blocos de contagem, ábacos, material dourado, cubos de encaixe, fichas e outros manipuláveis para ensinar conceitos matemáticos. A manipulação física ajuda a construir uma compreensão mais profunda e a visualizar as operações.
- Representações visuais: Use diagramas, gráficos, linhas numéricas e desenhos para ilustrar problemas e conceitos matemáticos. Transforme problemas de palavras em representações visuais para facilitar a compreensão.

2. Instrução Explícita e Sequencial:

- Ensino passo a passo: Divida os problemas matemáticos em etapas claras e ensine uma etapa por vez. Forneça instruções claras para cada passo do processo de resolução.
- Prática repetida: Ofereça oportunidades para a prática repetida de habilidades matemáticas, utilizando diferentes exemplos e contextos.

3. Conexão com o Mundo Real e Interesses:

- Problemas aplicados: Conecte os conceitos matemáticos a situações do mundo real e aos interesses do aluno. Por exemplo, use problemas de matemática que envolvam contagem de dinossauros, cálculo de distâncias de trens, ou orçamento para comprar itens de interesse.
- Matemática funcional: Ensine habilidades matemáticas que são diretamente aplicáveis à vida diária, como contagem de dinheiro, leitura de relógios, cálculo de troco, medição de ingredientes para receitas. Isso torna a matemática mais relevante e significativa.

4. Tecnologia como Apoio:

- Calculadoras e aplicativos: Permita o uso de calculadoras e aplicativos de matemática para auxiliar na resolução de problemas, especialmente quando o

foco é no conceito e não na mecânica do cálculo. Existem aplicativos que visualizam operações matemáticas ou quebra-cabeças lógicos.

- Jogos educacionais: Utilize jogos de matemática que tornem o aprendizado mais divertido e interativo, reforçando conceitos de forma lúdica.

Ao implementar essas estratégias, o professor pode criar um ambiente de aprendizagem acadêmica que seja inclusivo, eficaz e que capte os pontos fortes únicos de cada aluno com TEA. O objetivo é capacitar esses alunos a acessar o currículo, desenvolver habilidades essenciais e alcançar seu pleno potencial acadêmico, preparando-os para o sucesso na escola e na vida.

Capítulo 10: Promovendo a Interação e Habilidades Sociais

As dificuldades na interação social são uma das características centrais do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para alunos com TEA, as complexas regras não ditas das interações sociais, a interpretação de expressões faciais e a reciprocidade na comunicação podem ser um verdadeiro enigma.

No entanto, a escola é um ambiente privilegiado para o desenvolvimento dessas habilidades, e o professor desempenha um papel crucial em criar oportunidades e ensinar explicitamente as competências sociais necessárias para a participação plena na vida escolar e além.

Este capítulo explora estratégias para promover a interação social e o desenvolvimento de habilidades sociais em alunos com TEA.

Compreendendo os Desafios Sociais no TEA

É fundamental que o professor compreenda que as dificuldades sociais de alunos com TEA não são uma questão de falta de desejo de interagir, mas sim de desafios no processamento e na compreensão das informações sociais. Isso pode se manifestar de diversas formas:

- Dificuldade em iniciar e manter interações: alunos com TEA podem não saber como iniciar uma conversa, como se juntar a um grupo de brincadeira ou como manter um diálogo.
- Interpretação literal: tendem a interpretar a linguagem e as situações sociais de forma literal, perdendo as nuances, o sarcasmo ou o humor.
- Dificuldade em entender outras perspectivas: podem ter dificuldade em se colocar no lugar do outro, o que afeta a empatia e a compreensão das intenções alheias.
- Falta de reciprocidade: podem ter dificuldade em compartilhar interesses, em responder a perguntas ou em manter um fluxo de conversa equilibrado.
- Dificuldade com regras sociais implícitas: as regras não escritas da interação social (como esperar a vez, manter distância adequada, contato visual) podem ser um mistério.

O objetivo do ensino de habilidades sociais não é forçar o aluno a ser “neurotípico”, mas sim equipá-lo com as ferramentas necessárias para navegar no mundo social de forma mais confortável e eficaz, reduzindo a ansiedade e promovendo a inclusão.

Estratégias para o Ensino de Habilidades Sociais

O ensino de habilidades sociais para alunos com TEA deve ser explícito, estruturado e sistemático, assim como o ensino de qualquer outra disciplina acadêmica. Não se pode presumir que essas habilidades serão aprendidas por observação ou imitação.

1. Histórias Sociais:

- O que são: narrativas curtas e personalizadas que descrevem uma situação social, os pensamentos e sentimentos das pessoas envolvidas, e o que se espera do aluno naquela situação. Elas fornecem informações sociais de forma clara e previsível.
- Como usar: crie histórias sociais para situações específicas que o aluno enfrenta (ex.: como pedir um brinquedo emprestado, como reagir a uma mudança de planos, como lidar com a frustração). Leia a história com o aluno antes da situação real e revise-a regularmente.

2. Role-Playing (Encenação de Papéis):

- O que é: prática de situações sociais em um ambiente seguro e controlado. O professor e o aluno (ou outros alunos) encenam diferentes cenários, permitindo que o aluno pratique as respostas apropriadas.
- Como usar: escolha uma situação social específica. Explique o cenário e os papéis. Pratique a interação, oferecendo feedback e modelando as respostas corretas. Repita a encenação várias vezes.

3. Modelagem:

- O que é: demonstração clara e explícita do comportamento social desejado. O professor (ou um colega) mostra como agir em uma determinada situação.
- Como usar: ao ensinar uma nova habilidade social, demonstre-a primeiro. Por exemplo, mostre como cumprimentar alguém, como compartilhar um material ou como pedir ajuda. Use vídeos ou exemplos visuais, se possível.

4. Roteiros Sociais:

- O que são: frases ou diálogos pré-determinados que o aluno pode usar em situações sociais específicas. Ajudam a iniciar e manter conversas quando o aluno não sabe o que dizer.

- Como usar: crie roteiros para situações comuns (ex.: como iniciar uma conversa sobre um interesse comum, como responder a um elogio). Pratique o roteiro com o aluno até que ele se sinta confortável em usá-lo.

5. Gravações do próprio aluno:

- O que é: o aluno assiste a vídeos de si mesmo ou de outros demonstrando o comportamento social desejado. É uma ferramenta poderosa, pois muitos alunos com TEA são aprendizes visuais.
- Como usar: grave o aluno realizando a habilidade corretamente ou grave um modelo (professor, colega) demonstrando. Assista ao vídeo com o aluno, discutindo os pontos-chave.

6. Grupos de Habilidades Sociais:

- O que são: pequenos grupos de alunos (com e sem TEA) que se reúnem para aprender e praticar habilidades sociais em um ambiente estruturado e supervisionado.
- Como usar: o professor (ou um especialista) propõe atividades e discussões sobre temas sociais, como empatia, resolução de conflitos, amizade. O foco é a prática e o feedback.

Pedro, um adolescente com TEA, tinha dificuldade em iniciar conversas com colegas. O Professor criou roteiros sociais com frases de abertura sobre seus interesses (jogos de videogame). Com a prática, Pedro começou a usar os roteiros e, gradualmente, a iniciar interações mais espontâneas com seus colegas, que compartilhavam os mesmos interesses.

Promovendo a Interação Social na Sala de Aula

Além do ensino explícito, o professor pode criar um ambiente que naturalmente promova a interação social entre os alunos promovendo:

- Atividades colaborativas estruturadas: crie atividades em grupo nas quais a colaboração seja essencial para o sucesso. Atribua papéis específicos a cada membro do grupo para garantir a participação de todos.
- Sistema de duplas/pares: durante a atividade, coloque o aluno com TEA com um colega neurotípico que seja compreensivo e paciente. O colega pode atuar como um modelo e facilitador social.

- Incentivo de interesses compartilhados: identifique interesses comuns entre o aluno com TEA e seus colegas e crie oportunidades para que eles interajam em torno desses interesses.
- Ensino de habilidades de brincadeira: para alunos mais jovens, ensine explicitamente como brincar com outros, como compartilhar brinquedos, como esperar a vez e como participar de brincadeiras de faz de conta.
- Mediação do professor: o professor deve mediar ativamente as interações sociais, ajudando a resolver conflitos, a interpretar sinais sociais e a facilitar a comunicação.
- Educação dos colegas: ajude os colegas de turma a aprender sobre o autismo de forma apropriada para a idade, promovendo a compreensão, a empatia e a aceitação. Explique que as diferenças não são “estranhas”, mas sim parte da diversidade humana.

Incentivando a Empatia e a Aceitação na Turma

Uma sala de aula verdadeiramente inclusiva é aquela onde a diversidade é compreendida e onde todos os alunos se sentem valorizados e aceitos. O professor tem um papel fundamental em fomentar a empatia e a aceitação entre os colegas com:

- Conversas abertas: promova discussões em sala de aula sobre diferenças individuais, respeito e inclusão. Use livros, vídeos ou exemplos da vida real para iniciar essas conversas.
- Atividades de conscientização: realize atividades que ajudem os alunos a experimentar, de forma lúdica e respeitosa, como é ter algumas das sensibilidades ou desafios de um colega com TEA (ex.: usar fones de ouvido em um ambiente barulhento, tentar se comunicar sem falar).
- Valorizar as qualidades: destaque os pontos fortes e as qualidades únicas do aluno com TEA para a turma. Isso ajuda a mudar a percepção de “diferente” para “especial” ou “interessante”.
- Seja o exemplo: o professor deve ser um modelo de aceitação, paciência e respeito, demonstrando como interagir de forma positiva com o aluno com TEA.

Ao implementar essas estratégias, o professor não apenas ajuda o aluno com TEA a desenvolver habilidades sociais essenciais, mas também constrói uma comunidade de sala de aula mais compassiva, compreensiva e verdadeiramente inclusiva, onde cada indivíduo é valorizado por ser quem é.

Seção Extra: Dicas para o Ensino de Habilidades Básicas no Autismo

O ensino de habilidades básicas é o ponto de partida essencial para o desenvolvimento de crianças com autismo, especialmente na primeira infância. Esta abordagem é baseada em princípios da **Análise do Comportamento Aplicada (ABA)** e tem como objetivo construir as fundações para a comunicação, a interação social e a aprendizagem.

A seguir, apresentamos um resumo com dicas e estratégias práticas que podem ser aplicadas por professores, familiares e profissionais de apoio:

1. Comece pelas habilidades fundamentais

Antes de ensinar conteúdos escolares, é essencial garantir que o aluno esteja pronto para aprender. Isso inclui:

- **Contato visual**
- **Imitação simples**
- **Atenção conjunta**
- **Responder ao próprio nome**
- **Permanecer sentado por curtos períodos**
- **Seguir comandos simples**

Dica: Use atividades breves, lúdicas e com reforçadores imediatos (ex.: brinquedos preferidos).

2. Ensine com intenção, em pequenos passos

Divida cada habilidade em **etapas simples** e ensine uma de cada vez. Reforce cada pequena conquista e aumente gradualmente a complexidade da tarefa.

Exemplo: Antes de ensinar a nomear objetos, ensine a apontar, olhar e tocar sob comando.

3. Repetição e consistência são chave

A repetição, feita de forma estruturada e motivadora, ajuda a consolidar o aprendizado. Pratique as mesmas habilidades em diferentes contextos e com diferentes pessoas.

Dica: Mantenha uma rotina com horários e atividades previsíveis para favorecer a aquisição de habilidades.

4. Utilize reforçadores positivos

Descubra o que motiva a criança (brinquedos, elogios, músicas, alimentos) e use isso como recompensa imediata após o comportamento desejado.

Importante: O reforçador deve ser imediato, significativo e variar conforme o interesse do aluno.

5. Adapte o ambiente e os estímulos

Reduza distrações no ambiente e utilize materiais visuais claros e objetivos. Organize o espaço para facilitar o engajamento e a compreensão das tarefas.

6. Registre o progresso

Acompanhe a evolução de cada habilidade e sempre faça um registro de tudo para não esquecer. Isso ajuda na tomada de decisões e na comunicação com outros profissionais e a família.

7. Trabalhe em parceria com a família

Oriente os responsáveis para que pratiquem as habilidades em casa, com as mesmas estratégias usadas na escola ou clínica. A generalização depende da continuidade do ensino em diferentes ambientes.

8. Foque na funcionalidade

Ensinar a criança a pedir, escolher, responder a comandos e se comunicar funcionalmente é mais importante do que memorizar conteúdos acadêmicos no início.

Exemplo: Ensinar a criança a pedir “água” é mais prioritário do que aprender o nome das cores.

Conclusão

Este capítulo apresentou sugestões e dicas estruturadas e acessíveis que podem transformar o desenvolvimento de crianças com autismo. Adaptar essas estratégias à realidade da escola regular e trabalhar em equipe é um passo importante para uma inclusão de fato.

Capítulo 11: O Papel dos Colegas na Inclusão de Alunos com Autismo

A escola não é apenas um lugar de aprendizagem acadêmica — é um espaço de convivência, respeito e construção de laços sociais. A inclusão de alunos com autismo não depende apenas do professor ou do profissional de apoio, mas também dos colegas de sala, que desempenham um papel fundamental no processo de pertencimento e interação.

Por que Envolver os Colegas é tão Importante?

- A criança com TEA aprende por observação, imitação e experiências sociais.
- Os colegas podem ser modelos positivos de comportamento e linguagem.
- Quando os demais alunos são orientados com empatia, o ambiente se torna mais acolhedor para todos.
- A inclusão verdadeira acontece quando o aluno participa da turma, e não apenas está presente nela.

Como Preparar a Turma para Acolher a Diversidade

Importante: Nunca exponha o aluno com autismo nem revele seu diagnóstico sem autorização da família.

Em vez disso:

- Fale sobre respeito às diferenças de forma geral.
- Promova rodas de conversa com temas como: “Cada um aprende de um jeito”, “O que é ser diferente?”, “Como ajudar um colega que precisa de apoio?”
- Use livros, vídeos e histórias infantis para abrir espaço ao diálogo.
- Estimule que todos possam falar sobre suas dificuldades e talentos.

Atividades para Promover Empatia e Cooperação

Atividade	Objetivo
Caixa das Emoções	A turma compartilha como se sente em diferentes situações, promovendo compreensão sobre sentimentos alheios.
Dupla solidária	Cada aluno tem um colega de apoio para ajudar em tarefas ou acompanhar em transições. Trocas podem ser semanais.
Histórias inclusivas	Leitura de livros como <i>“O menino que aprendeu a ver”</i> , <i>“Tudo bem ser diferente”</i> ou <i>“Meu amigo faz iiiiii”</i> .
Jogo cooperativo	Jogos em que todos participam juntos: passa o anel, construir uma torre em grupo, desafios em equipe.
Painel “Somos todos únicos”	Cada aluno desenha o que o torna especial. O painel valoriza a diversidade como algo positivo.

Frases e Atitudes que podem ser Ensinadas aos Colegas

Situação	Como os colegas podem ajudar
O colega está agitado ou sensível	“Vamos fazer silêncio para ele se sentir melhor?”
Ele não entende a brincadeira	“Quer que eu mostre como a gente joga?”
Ele prefere ficar sozinho às vezes	“Tudo bem. A gente pode brincar juntos depois.”
Ele se expressa de forma diferente	“Ele fala assim, mas está feliz!” ou “Ele gosta de balançar quando está animado.”

Como o Professor pode Incentivar a Inclusão Entre Colegas

- Valorize atitudes colaborativas e não só o desempenho escolar.
- Varie as duplas e grupos, promovendo mistura entre os alunos.
- Estabeleça regras de convivência com a turma, com frases como:
 - “Aqui todos têm direito de aprender”
 - “Cada um tem seu tempo e jeito”
 - “Ajudar o outro é importante na nossa sala”
- Observe situações de exclusão e intervenha com firmeza e empatia.
- Crie momentos em que todos participem juntos como, por exemplo, atividades artísticas, jogos, roda de leitura ou culinária.

Combate ao Bullying e Construção de Respeito Mútuo

Crianças com autismo, por suas diferenças no modo de se comunicar, interagir ou perceber o ambiente, podem se tornar alvos de bullying ou exclusão. Cabe à escola atuar de forma **preventiva, educativa e acolhedora**, promovendo um ambiente onde o respeito à diversidade seja parte da cultura cotidiana.

Ações essenciais:

- Ensinar o respeito às diferenças desde os primeiros anos.
- Não tolerar apelidos, zombarias, imitações ou exclusão social.
- Estabelecer canais seguros para denúncias (como caixas de recados ou espaços de escuta com a coordenação).
- Desenvolver empatia com atividades regulares em sala, como rodas de conversa, contação de histórias e reflexões coletivas.
- Incluir os colegas como parte ativa dos processos de inclusão, dando-lhes informações apropriadas à idade sobre o autismo.

A melhor prevenção ao bullying é a empatia constante no dia a dia escolar.

Sugestões de Recursos para Usar com a Turma:

Tipo	Sugestão
Livros	<i>Era uma vez... O AUTISMO – Uma jornada de descoberta e amizade – Isaías de Oliveira</i> <i>O Pequeno Mundo de Lia – Andrea Werner</i> <i>Fani, a menina que descobriu o autismo – Luciene Tognetta</i> <i>Tudo bem ser diferente – Todd Parr</i>
Vídeos	<i>O Autismo Explicado para Crianças</i> (YouTube – Canal Autismo em Dia) <i>Por dentro do autismo</i> (curta de animação) <i>Cordas</i> (curta espanhol legendado sobre empatia)
Jogos e Dinâmicas	Dinâmicas de roda Jogo do espelho Cartas das emoções Dramatizações e simulações de empatia

A Importância de Envolver a Família

É essencial que a escola também oriente as famílias sobre respeito, inclusão e combate ao capacitismo. Expressões como “Ele não aprende porque é assim mesmo”, “Isso é manha” ou “Não adianta tentar” ainda são comuns e reforçam estigmas que podem comprometer a autoestima do aluno e a qualidade do trabalho escolar.

O envolvimento da família é essencial para o sucesso do processo educativo. Quando os responsáveis compreendem o potencial de desenvolvimento de seus filhos, os direitos à inclusão e a importância da escola como aliada, as chances de avanços são muito maiores. É preciso que a escola mantenha uma postura acolhedora, com escuta ativa e orientações claras, ajudando a desconstruir estigmas e crenças limitantes. Juntos — escola, aluno e família — podem construir um ambiente de aprendizagem baseado no respeito, na confiança e nas possibilidades reais de crescimento.

Frase para refletir: “Incluir não é fazer o outro caber no que existe. É transformar o que existe para acolher o outro como ele é.”

Capítulo 12: Como Lidar com Comportamentos Desafiadores

Comportamentos desafiadores em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são frequentemente mal interpretados como birra, desobediência ou falta de educação. No entanto, para o professor inclusivo, é crucial compreender que esses comportamentos são, na maioria das vezes, uma forma de comunicação. Eles sinalizam que o aluno está sobrecarregado, ansioso, frustrado, confuso ou que suas necessidades não estão sendo atendidas.

O objetivo não é suprimir o comportamento, mas sim entender o motivo por trás desse comportamento e ensinar ao aluno formas mais adaptativas de se comunicar e se autorregular. Este capítulo explora estratégias para identificar a função dos comportamentos desafiadores e promover a autorregulação.

Compreendendo a Função do Comportamento

Todo comportamento tem uma função. Para alunos com TEA, que podem ter dificuldades na comunicação verbal, o comportamento se torna uma linguagem.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem que enfatiza a identificação da função do comportamento para desenvolver intervenções eficazes. As principais funções do comportamento são:

- **Atenção:** o aluno se comporta de determinada forma para chamar a atenção de adultos ou colegas.
- **Acesso a itens/atividades desejadas:** o comportamento ocorre para obter um brinquedo, um alimento, uma atividade preferida ou para continuar uma atividade prazerosa.
- **Fuga/desinteresse aparente:** o comportamento serve para escapar de uma tarefa, situação ou estímulo aversivo como, por exemplo, barulho alto, luz forte ou atividade difícil.
- **Estimulação sensorial (automática):** o comportamento produz uma sensação que é intrinsecamente reforçadora para o aluno (ex.: balançar o corpo, agitar as mãos, repetir sons, gritar).

Para identificar a função de um comportamento, o professor deve observar o que acontece antes (antecedente) e depois (consequência) do comportamento. Por exemplo, se o aluno joga o lápis no chão (comportamento) sempre que recebe uma

tarefa de escrita (antecedente) e o professor retira a tarefa (consequência), a função pode ser uma tentativa de se afastar da situação.

Compreender a função é o primeiro passo para desenvolver uma intervenção que ensine uma habilidade alternativa e mais apropriada para o aluno alcançar o mesmo objetivo.

Estratégias para Prevenir Comportamentos Desafiadores

A prevenção é sempre a melhor estratégia. Um ambiente estruturado, previsível e com comunicação clara pode reduzir significativamente a ocorrência de comportamentos desafiadores. O que pode ser de ajuda?

- Rotinas claras e visuais: Rotinas visuais ajudam a reduzir a ansiedade e a aumentar a previsibilidade.
- Painel de combinados: ajudam no aceite de instruções e soluções de comportamentos.
- Comunicação eficaz: utilizar estratégias visuais e verbais claras, minimizam a frustração e a confusão.
- Adaptação do ambiente físico: um ambiente sensorialmente adequado reduz a sobrecarga e o desconforto.
- Materiais didáticos adaptados: materiais acessíveis e adequados ao nível do aluno evitam a frustração com tarefas muito difíceis.
- Oferecer escolhas: dar ao aluno um senso de controle, permitindo que ele escolha entre duas atividades ou a ordem das tarefas, pode reduzir a resistência.
- Reforço positivo: reforce comportamentos desejáveis e a comunicação apropriada. Elogie o esforço e o sucesso.
- Antecipação e preparação: prepare o aluno para mudanças na rotina ou para atividades que podem ser desafiadoras. Use histórias sociais ou avisos visuais.
- Pausas programadas: ofereça oportunidades regulares para pausas, especialmente para alunos que se beneficiam de movimento ou de um tempo em um ambiente mais calmo.

Estratégias para Responder a Comportamentos Desafiadores

Quando um comportamento desafiador ocorre, a resposta do professor deve ser calma, consistente e focada em ensinar uma alternativa. Cuidado, porque mesmo sem intenção você pode reforçar o comportamento. O que fazer então?

- Manter a calma: a reação do professor pode piorar ou melhorar a situação. Mantenha a voz calma, a postura neutra e evite confrontos.
- Ignorar planejado: se a função do comportamento for atenção, e o comportamento não for perigoso, o professor pode ignorá-lo (não dar atenção) enquanto direciona a atenção para um comportamento alternativo e apropriado. Isso deve ser feito com cautela.
- Redirecionamento: direcione o aluno para uma atividade alternativa ou para um comportamento mais apropriado que sirva à mesma função. Por exemplo, se o aluno está batendo na mesa para chamar a atenção, ensine-o a levantar a mão.
- Ensino de habilidades de comunicação alternativas: se o comportamento é uma forma de pedir algo (fuga, acesso), ensine o aluno a pedir de forma não-verbal, com figuras ou com um dispositivo de CAA.
- Espaço de calma/canto de autorregulação: direcione o aluno para um espaço seguro e com poucos estímulos onde ele possa se acalmar. Este não é um local de punição, mas um recurso para o aluno se autorregular.
- Consequências naturais e lógicas: se o comportamento causar um problema, a consequência deve ser lógica e relacionada ao comportamento. Por exemplo, se o aluno jogar um brinquedo, ele perde o acesso ao brinquedo por um tempo.
- Análise pós-crise: após o comportamento desafiador, analise o que aconteceu. O que desencadeou o comportamento? Qual era a função? O que poderia ter sido feito de diferente? Isso ajuda a planejar futuras intervenções.

Promovendo a Autorregulação

A autorregulação é a capacidade de gerenciar as próprias emoções, pensamentos e comportamentos de forma eficaz em diferentes situações. Para alunos com TEA, o desenvolvimento da autorregulação é crucial para o sucesso acadêmico e social. O professor pode ensinar estratégias de autorregulação.

1. Identificação de emoções e níveis de alerta:

- Termômetro de emoções/escala de alerta: utilize escalas visuais (ex.: de 1 a 5, com figuras de rostos ou cores) para ajudar o aluno a identificar seu nível de emoção (calmo, um pouco agitado, bravo etc.) ou seu nível de alerta (muito lento, ideal, muito agitado).
- Ajude-o a se conhecer melhor: ensine ao aluno a reconhecer os sinais em seu próprio corpo que indicam que ele está ficando sobrecarregado ou ansioso (ex.: coração acelerado, mãos suando, respiração ofegante).

2. Estratégias de calma e autorregulação:

- Recursos sensoriais: ensine o aluno a usar recursos sensoriais para se acalmar como, por exemplo, apertar uma bola antiestresse, usar fones de ouvido, balançar em uma cadeira de balanço, mastigar um colar sensorial.
- Respiração profunda: ensine técnicas de respiração profunda e lenta para ajudar a regular o sistema nervoso. Use expressões de fácil memorização como “cheira a florzinha e sopra a velinha”.
- Pausas e movimento: permita que o aluno faça pausas para movimento ou para um breve período em um ambiente mais calmo quando necessário.
- Atividades preferidas: identifique atividades que o aluno considera relaxantes ou prazerosas e use-as como reforço ou como uma estratégia de autorregulação.

3. Habilidades de resolução de problemas:

- Ensine o aluno a identificar um problema, pensar em possíveis soluções, escolher qual é a melhor e avaliar o resultado. Isso pode ser feito com o uso de organizadores visuais ou histórias sociais.

Colaboração e Consistência

O gerenciamento de comportamentos desafiadores e a promoção da autorregulação exigem colaboração e consistência entre todos os envolvidos na vida do aluno. O professor deve trabalhar em conjunto com a família, a equipe multidisciplinar e outros profissionais para garantir que as estratégias sejam aplicadas de forma unificada em todos os ambientes.

- Comunicação regular: mantenha uma comunicação aberta e regular com os pais para compartilhar informações sobre o comportamento do aluno na escola e em casa.
- Reuniões de equipe: participe de reuniões com a equipe multidisciplinar para discutir o progresso do aluno, ajustar estratégias e garantir a consistência das intervenções.
- Plano Individualizado: inclua no PAI e no PEI as estratégias de prevenção e resposta aos comportamentos do aluno, informando metas claras, e formas de medir o progresso. Compartilhe este plano com todos os que interagem com o aluno.

Ao adotar uma abordagem proativa, compreensiva e baseada na função do comportamento, o professor pode transformar a forma como os comportamentos desafiadores são percebidos e gerenciados na sala de aula.

O foco deve ser sempre no ensino de habilidades alternativas e na promoção da autorregulação, capacitando o aluno com TEA a se tornar um indivíduo mais independente, feliz e bem-sucedido.

Capítulo 13: Colaboração com a Família e Equipe Multidisciplinar

A educação de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma jornada que não pode ser percorrida isoladamente. A colaboração efetiva entre a escola, a família e a equipe multidisciplinar são a chave para garantir um suporte coeso, consistente e eficaz, que maximize o potencial de desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Este capítulo explora a importância dessa parceria e oferece estratégias para construir e manter uma comunicação fluida e produtiva entre todos os envolvidos.

A Família como Parceira Essencial

As famílias em geral são os maiores especialistas em seus filhos. Eles conhecem a história de desenvolvimento do aluno, suas preferências, sensibilidades, pontos fortes e desafios em diferentes contextos. Ignorar ou subestimar o papel da família é perder uma fonte inestimável de informações e apoio. A parceria com a família deve ser baseada em respeito mútuo, confiança e comunicação aberta.

Benefícios da colaboração com a família:

- **Informações:** os pais podem fornecer insights preciosos sobre o comportamento do aluno em casa, suas rotinas, interesses e estratégias que funcionam ou não.
- **Consistência nas estratégias:** quando escola e família utilizam abordagens semelhantes, o aluno se beneficia da consistência, o que facilita a generalização de habilidades e reduz a confusão.
- **Apoio emocional:** a família pode se sentir isolada e sobrecarregada. O apoio e a compreensão da escola podem fazer uma grande diferença.
- **Famílias preparadas:** pais bem informados e engajados são os melhores defensores de seus filhos, garantindo que suas necessidades sejam atendidas.
- **Redução de comportamentos desafiadores:** a troca de informações sobre o que acontece antes e depois de certos comportamentos desafiadores pode ajudar a identificar padrões e desenvolver estratégias preventivas mais eficazes.

Estratégias para uma Comunicação Eficaz com a Família

Uma comunicação regular e transparente é fundamental para construir uma parceria sólida com a família. Uma comunicação eficaz passa por:

- Canais de comunicação variados: utilize diferentes canais de comunicação, como reuniões presenciais, cadernos de comunicação diários (agendas), aplicativos de mensagens e ligações de voz ou vídeo (se apropriado e com limites claros e de preferência no telefone da escola).
- Frequência e regularidade: estabeleça uma frequência de comunicação que seja confortável para ambas as partes. A agenda do aluno pode ser útil para recados diários, enquanto reuniões periódicas são importantes para discussões mais aprofundadas.
- Foco no positivo: comece e termine as conversas com pontos positivos sobre o aluno. Compartilhe sucessos, mesmo os pequenos, antes de abordar desafios.
- Linguagem clara e acessível: evite jargões pedagógicos ou termos técnicos. Explique as estratégias e os objetivos de forma simples e compreensível.
- Escuta ativa: ouça atentamente as preocupações, sugestões e observações dos pais. Valide seus sentimentos e demonstre empatia.
- Definição de expectativas: seja claro sobre o papel de cada um na educação do aluno. Discuta as expectativas em relação à comunicação e ao apoio mútuo.
- Resolução colaborativa de problemas: quando surgirem desafios, trabalhem juntos para encontrar soluções. Apresente o problema e convide os pais a participar da busca por estratégias.
- Confidencialidade: mantenha a confidencialidade das informações compartilhadas pela família.

A Equipe Multidisciplinar: Um Suporte Essencial

A equipe multidisciplinar pode incluir fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, psicopedagogos, pediatras, neurologistas, entre outros profissionais. Cada um traz uma perspectiva e expertise únicas que complementam o trabalho do professor. A colaboração com essa equipe é vital para um olhar completo e articulado.

Benefícios da colaboração com a equipe multidisciplinar:

- Avaliação abrangente: a equipe pode realizar avaliações detalhadas que identificam as necessidades específicas do aluno em diversas áreas do desenvolvimento.
- Desenvolvimento de estratégias: os profissionais podem sugerir e implementar estratégias de intervenção baseadas em evidências, tanto na clínica quanto na escola.
- Treinamento e orientação: o professor pode receber treinamento e orientação sobre como aplicar certas estratégias ou utilizar recursos específicos.
- Consistência das intervenções: a equipe ajuda a garantir que as intervenções sejam consistentes entre os diferentes ambientes (clínica, casa, escola).
- Acompanhamento do progresso: a equipe pode auxiliar no monitoramento do progresso do aluno e no ajuste das estratégias conforme necessário.

Estratégias para uma Colaboração Eficaz

Às vezes, pode ser que a comunicação entre a escola e a equipe multidisciplinar não aconteça da forma que se espera, mas é muito importante um esforço de ambos para que essa comunicação seja regular e produtiva. Algumas estratégias podem ser úteis:

- Reuniões periódicas: agende reuniões regulares com a equipe para discutir o progresso do aluno, compartilhar observações e planejar as próximas etapas. A frequência pode variar de acordo com a necessidade do aluno.
- Troca de relatórios: compartilhe relatórios de progresso da escola e solicite relatórios dos profissionais da clínica. Isso ajuda a ter uma visão completa do desenvolvimento do aluno.
- Visitas e observações: se possível, convide os profissionais da equipe para observar o aluno na sala de aula e, se permitido, visite a clínica para entender as intervenções que estão sendo realizadas.
- Definição de metas compartilhadas: trabalhem juntos para estabelecer metas claras e mensuráveis para o aluno, alinhando os objetivos da escola com os objetivos terapêuticos.
- Treinamento e capacitação: peça à equipe para oferecer treinamento ou workshops para o professor e outros membros da equipe escolar sobre estratégias específicas ou sobre o TEA em geral.

- Representante: designe um profissional na escola (pode ser o próprio professor, o coordenador pedagógico ou um professor de apoio) como ponto focal para a comunicação com a família e a equipe multidisciplinar. Isso centraliza a informação e evita ruídos.

O Plano Individualizado como Ferramenta de Colaboração

Os Planos Individualizados (PAI ou PEI) são documentos fundamentais que formalizam as estratégias e adaptações para o aluno com TEA. Eles devem ser construídos de forma colaborativa, envolvendo a família, o professor, a equipe multidisciplinar e, quando apropriado, o próprio aluno. O PAI e o PEI servem como um guia para todos os envolvidos, tanto na sala de recursos como na sala regular, garantindo que as intervenções sejam coordenadas e focadas nas necessidades específicas do aluno.

Elementos essenciais:

- Informações do aluno: dados pessoais, histórico de desenvolvimento, diagnóstico.
- Avaliação das necessidades: pontos fortes, desafios, interesses, estilo de aprendizagem.
- Metas e objetivos: metas de curto e longo prazo claras, mensuráveis e realistas.
- Estratégias e adaptações: detalhamento das adaptações curriculares, pedagógicas, ambientais e de comunicação.
- Recursos e serviços: quais profissionais e serviços serão envolvidos (terapias, apoio em sala de aula).
- Responsabilidades: quem é responsável por cada ação e estratégia.
- Cronograma de revisão: frequência com que o PAI e o PEI serão revisados e atualizados.

Ao priorizar a colaboração e a comunicação, o professor se torna parte de uma rede de apoio robusta que beneficia diretamente o aluno com TEA. Essa abordagem integrada não apenas otimiza os resultados educacionais, mas também fortalece os laços entre a escola e a comunidade, criando um ambiente verdadeiramente inclusivo e acolhedor para todos.

Capítulo 14: Avaliação e Acompanhamento do Desenvolvimento

A avaliação do progresso de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) vai muito além das provas e testes tradicionais. Devido às suas particularidades de aprendizagem e comunicação, métodos de avaliação flexíveis, multifacetados e individualizados são essenciais para capturar o verdadeiro desenvolvimento e as habilidades adquiridas.

Este capítulo explora abordagens de avaliação que fornecem uma imagem completa do progresso do aluno, permitindo que o professor ajuste as estratégias de ensino de forma eficaz e celebre cada conquista.

Desafios da Avaliação Tradicional para Alunos com TEA

As avaliações padronizadas e baseadas em desempenho oral ou escrito podem não refletir com precisão o conhecimento e as habilidades de alunos com TEA. Isso ocorre por diversas razões:

- Dificuldades de comunicação: alunos com TEA podem ter o conhecimento, mas não conseguir expressá-lo verbalmente ou por escrito de forma convencional.
- Ansiedade e estresse: o ambiente de teste, a pressão do tempo ou a novidade da situação podem gerar ansiedade, impactando negativamente o desempenho.
- Processamento sensorial: distrações sensoriais no ambiente de teste podem dificultar a concentração.
- Literalidade: perguntas com duplo sentido, metáforas ou inferências podem ser mal interpretadas.
- Interesses restritos: a falta de conexão do conteúdo da avaliação com seus interesses pode diminuir a motivação.

É fundamental que o professor utilize uma variedade de métodos de avaliação que minimizem esses desafios e permitam que o aluno demonstre seu aprendizado de diferentes maneiras.

Abordagens de Avaliação Adaptadas

Uma avaliação eficaz para alunos com TEA deve ser contínua, funcional, focada no progresso individual e não apenas na comparação com normas de desenvolvimento.

1. Avaliação baseada em observação:

- Observação direta: o professor observa o aluno em diferentes contextos (sala de aula, recreio, atividades em grupo) para coletar dados sobre seu comportamento, interações sociais, uso de habilidades e engajamento nas tarefas. Utilize listas de verificação ou registros anedóticos para documentar as observações.
- Registros de frequência e duração: para comportamentos específicos (ex.: tempo de atenção, frequência de pedidos de ajuda), registre a frequência ou duração para monitorar o progresso.

2. Avaliação baseada em portfólio:

- Coleta de trabalhos: reúna uma variedade de trabalhos do aluno ao longo do tempo (desenhos, textos, projetos, fotos de atividades). Isso mostra o progresso e as habilidades em diferentes áreas.
- Reflexão do aluno: se apropriado, peça ao aluno para selecionar seus melhores trabalhos e explicar por que os escolheu. Isso promove a autorreflexão.

3. Avaliação Funcional do Comportamento (AFC):

- A AFC é crucial para entender a função dos comportamentos desafiadores. Ela envolve a coleta de dados sobre antecedentes, comportamentos e consequências para desenvolver intervenções eficazes. A AFC é uma forma de avaliação contínua que informa o planejamento pedagógico.

4. Avaliação por amostras de tarefas:

- Apresente a mesma tarefa em diferentes formatos (visual, auditivo, com materiais concretos) para ver qual formato permite que o aluno demonstre melhor seu conhecimento.
- Divida tarefas complexas em etapas menores e avalie cada etapa separadamente.

5. Avaliação informal e conversas:

- Faça perguntas abertas e use conversas informais para sondar o conhecimento do aluno. Permita que ele se expresse em seu próprio ritmo e da sua própria maneira. Utilize os interesses do aluno para engajá-lo em conversas sobre o conteúdo.

6. Adaptações nas Avaliações Somativas:

Quando avaliações formais são necessárias, considere as seguintes adaptações:

- Tempo estendido: ofereça tempo adicional para o aluno completar a avaliação.
- Ambiente calmo: permita que o aluno faça a avaliação em um ambiente com menos distrações.
- Instruções claras e visuais: apresente as instruções por escrito e verbalmente, usando linguagem simples e concreta. Use figuras ou símbolos para ilustrar as instruções.
- Formato adaptado: modifique o formato da avaliação (ex.: menos questões por página, questões de múltipla escolha em vez de dissertativas, uso de materiais concretos).
- Uso de Tecnologia Assistiva: permita o uso de ferramentas tecnológicas que o aluno utiliza no dia a dia (ex.: dispositivo de CAA, software de texto para fala).
- Pausas programadas: permita que o aluno faça pausas durante a avaliação para se autorregular.

Acompanhamento do Progresso e Ajuste de Estratégias

A avaliação não é um fim em si mesma, mas uma ferramenta para informar o ensino. O acompanhamento contínuo do progresso do aluno é essencial para garantir que as estratégias pedagógicas sejam eficazes e para fazer os ajustes necessários. Esse acompanhamento pode se ocorrer por meio de:

- Registros de progresso: mantenha registros detalhados do progresso do aluno em relação às metas dos Planos Individualizados (PAI e PEI). Isso pode incluir gráficos, tabelas ou anotações descritivas.
- Reuniões periódicas do PAI e PEI: realize reuniões regulares com a família e a equipe multidisciplinar para revisar o PAI e o PEI, discutir o progresso, celebrar conquistas e ajustar as metas e estratégias conforme necessário.
- Feedback contínuo: ofereça feedback contínuo ao aluno sobre seu progresso, destacando seus pontos fortes e as áreas que precisam de mais atenção. O feedback deve ser específico, positivo e construtivo.
- Flexibilidade e adaptação: esteja sempre disposto a adaptar suas estratégias de ensino com base nas informações coletadas através da avaliação. O que funciona hoje pode precisar de ajustes amanhã, à medida que o aluno se desenvolve.
- Celebração de conquistas: reconheça e celebre cada conquista do aluno, por menor que seja. Isso reforça a motivação e a autoconfiança.

Ao adotar uma abordagem de avaliação e acompanhamento que seja individualizada, flexível e focada no desenvolvimento integral do aluno com TEA, o professor não apenas garante que o progresso seja medido de forma justa, mas também cria um ambiente de aprendizagem que valoriza o esforço, celebra a diversidade e promove o crescimento contínuo.

A avaliação se torna, assim, uma ferramenta poderosa para a inclusão e para o sucesso de todos os alunos.

Conclusão: Construindo Pontes para a Inclusão

Ao longo deste manual, exploramos diversas características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) sob a perspectiva do professor, com o objetivo de fornecer ferramentas e estratégias práticas para uma educação verdadeiramente inclusiva.

Desde a compreensão dos fundamentos do TEA até a implementação de rotinas visuais, a comunicação eficaz, a adaptação do ambiente físico, o uso de materiais didáticos e tecnologias assistivas, o ensino de habilidades acadêmicas e sociais, o gerenciamento de comportamentos desafiadores, a colaboração com a família e a equipe multidisciplinar, em que cada capítulo buscou tornar mais claro o entendimento sobre o autismo e capacitar o educador para construir pontes rumo à inclusão.

É fundamental reiterar que a inclusão não é apenas uma questão de acesso físico à sala de aula, mas sim de garantir a participação plena e significativa de cada aluno, respeitando suas individualidades e celebrando suas contribuições únicas.

Alunos com TEA, com suas formas singulares de perceber e interagir com o mundo, enriquecem o ambiente escolar, desafiando-nos a repensar nossas práticas pedagógicas e a expandir nossos horizontes de ensino.

O caminho da inclusão é contínuo e exige flexibilidade, observação atenta, aprendizado constante e, acima de tudo, empatia. Não existe uma fórmula mágica ou uma única abordagem que funcione para todos. Cada aluno com TEA é um universo particular e o sucesso de sua jornada educacional reside na capacidade do professor de se adaptar, de inovar e de buscar soluções personalizadas, sempre em colaboração com a família e os demais profissionais envolvidos.

Lembre-se que o comportamento é comunicação. Quando um aluno com TEA apresenta um desafio, ele está, de alguma forma, expressando uma necessidade ou uma dificuldade. A paciência, a curiosidade para entender a função do comportamento e a disposição para ensinar habilidades alternativas são atitudes transformadoras.

A tecnologia e os materiais adaptados são aliados poderosos, mas o coração da inclusão reside na relação humana. O vínculo de confiança e respeito entre o professor e o aluno, e entre a escola e a família, é o alicerce sobre o qual todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento se constrói.

Espero que este manual sirva como um guia prático e uma fonte de inspiração para todos os professores e profissionais de apoio escolar que, com dedicação e paixão, se empenham em fazer da sala de aula um espaço onde cada criança ou adolescente, independentemente de suas características, sintam-se visto, ouvido, valorizado e capaz de florescer.

Mini Guia para o Profissional de Apoio Escolar

Como atuar com sensibilidade, respeito e eficiência no acompanhamento de alunos com autismo

Nota: Este manual aborda principalmente a função pedagógica do profissional de apoio escolar, oferecendo orientações e estratégias para favorecer o aprendizado e a inclusão de estudantes com autismo. No entanto, é importante lembrar que, conforme as necessidades do aluno, o papel do profissional de apoio também pode incluir cuidados relacionados à locomoção, alimentação, higiene e segurança. Essas ações devem sempre ser realizadas com respeito à dignidade e à autonomia do estudante, seguindo orientações da equipe escolar, dos familiares e dos profissionais de saúde quando necessário.

Qual é o seu papel na escola?

O profissional de apoio não é “sombra” nem substituto do professor. Seu papel é favorecer a autonomia, garantir a participação nas atividades escolares e ajudar o aluno a se comunicar, compreender e se expressar da melhor forma possível.

Você está na escola para:

- Ajudar o aluno a entender e participar das atividades;
- Mediar a interação com os colegas;
- Garantir conforto, segurança e bem-estar;
- Apoiar nas rotinas e transições;
- Promover independência e não dependência.

O que você NÃO deve fazer

- Fazer as tarefas no lugar do aluno;
- Isolar o aluno ou deixá-lo “brincando à parte” constantemente;
- Agir com autoritarismo ou punir comportamentos;
- Ignorar sinais de sobrecarga ou de sofrimento emocional;
- Usar reforços inadequados (chantagem, punição, comparação com colegas).

O que você DEVE fazer

- Adaptar as instruções do professor com linguagem simples e visual;
- Ajudar a organizar o material e antecipar o que virá na rotina;
- Sugerir pausas quando notar sinais de sobrecarga;
- Usar imagens, objetos, gestos e pistas visuais para se comunicar;
- Apoiar o aluno na interação com os colegas (sem forçar);
- Reforçar positivamente as pequenas conquistas;
- Trabalhar junto ao professor e equipe do AEE de forma integrada;

Estratégias práticas para o dia a dia

Situação	Como agir
O aluno está agitado ou inquieto	Fale com calma, proponha uma pausa, use o cantinho da calma
Não quer fazer a atividade	Diminua a tarefa (ex.: peça só para copiar 1 linha), ofereça ajuda visual
Tem dificuldade para interagir com os colegas	Proponha atividades em dupla, com colegas acolhedores; ensine frases simples
Tem ecolalias ou fala fora de contexto	Redirecione com paciência, responda com frases curtas e claras
Tem um interesse fixo	Use esse interesse para motivar atividades (ex.: se gosta de trens, proponha escrever sobre isso)
Não entende instruções longas	Quebre em partes e dê uma de cada vez, com apoio de imagens ou gestos

Evite dizer	Prefira dizer
“Comporte-se!”	“Sente-se na cadeira e fique quietinho por 1 minuto”
“Faz do jeito certo!”	“Olha como o colega fez, vamos fazer igual?”
“Você está me desafiando?”	“Vejo que está bravo. Quer fazer uma pausa?”

Comunicação e Parceria com o Professor

- Combine sinais ou gestos entre vocês para indicar quando intervir;
- Avise ao professor quando houver sinais de cansaço ou crise iminente;
- Participe de reuniões, trocando observações importantes;
- Compartilhe estratégias que estão funcionando;
- Respeite sempre o papel do professor como coordenador da sala.

E lembre-se...

- Você está lidando com uma criança que aprende de forma diferente, mas que tem um imenso potencial.
- O vínculo afetivo, a empatia e a escuta fazem mais diferença que qualquer ferramenta.
- Seu trabalho transforma vidas. Seu apoio ajuda essa criança ou esse adolescente a crescer, aprender e pertencer.

Modelo de Ficha de Autoavaliação

Profissional de Apoio Escolar – Atendimento ao Estudante com Autismo

Objetivo: Refletir sobre a própria prática, identificar pontos fortes e aspectos a melhorar no apoio ao aluno com TEA na sala de aula.

Nome do profissional: _____

Nome do aluno acompanhado: _____

Data: ____ / ____ / ____

Turno/Sala: _____

1. Relação com o aluno:

Questões	Sempre	Às vezes	Nunca	Observações
Crio um ambiente de segurança e acolhimento para o aluno	☐	☐	☐	
Respeito o ritmo e as formas de comunicação do aluno	☐	☐	☐	
Valorizo suas conquistas, mesmo que pequenas	☐	☐	☐	
Evito superproteger e incentivo a autonomia	☐	☐	☐	

2. Apoio às atividades pedagógicas:

Questões	Sempre	Às vezes	Nunca	Observações
Explico as tarefas com clareza e linguagem acessível	☐	☐	☐	
Uso materiais visuais ou adaptados quando necessário	☐	☐	☐	
Promovo a participação ativa do aluno nas aulas	☐	☐	☐	
Adapto as atividades respeitando os objetivos do professor	☐	☐	☐	

3. Interação com os colegas e a turma:

Questões	Sempre	Às vezes	Nunca	Observações
Estimulo interações positivas com os colegas	☐	☐	☐	
Ajudo os colegas a entenderem o jeito do aluno sem expô-lo	☐	☐	☐	
Respeito o espaço do aluno sem isolá-lo do grupo	☐	☐	☐	

4. Regulação emocional e comportamento:

Questões	Sempre	Às vezes	Nunca	Observações
Reconheço sinais de sobrecarga e atuo preventivamente	☐	☐	☐	
Uso estratégias positivas para lidar com comportamentos difíceis	☐	☐	☐	
Sei o que fazer durante uma crise emocional	☐	☐	☐	

5. Comunicação e parceria com a equipe escolar:

Questões	Sempre	Às vezes	Nunca	Observações
Compartilho informações relevantes com o professor regular e AEE	☐	☐	☐	
Participo de reuniões e reflexões sobre a prática inclusiva	☐	☐	☐	
Procuro formação continuada sobre inclusão e autismo	☐	☐	☐	

Reflexão pessoal:

O que tenho feito bem no meu papel de apoio escolar?

O que posso melhorar?

Do que preciso para melhorar meu trabalho com o aluno (formação, apoio, recursos)?

Dica: Essa ficha pode ser preenchida individualmente ou com apoio do coordenador pedagógico e da equipe do AEE. Ela é um recurso de crescimento profissional, e não de avaliação formal.

APÊNDICE INFORMATIVO

CONHECENDO MAIS A FUNDO O TEA

Autismo (Transtorno do Espectro Autista – TEA)

O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento que impacta a forma como a pessoa se comunica, se comporta e se relaciona socialmente. Os primeiros indícios costumam aparecer ainda na infância, apresentando variações de acordo com o nível de intensidade. A identificação precoce e o acompanhamento adequado são essenciais para favorecer o progresso e a qualidade de vida da pessoa autista.

O TEA envolve diferentes quadros clínicos. Embora anteriormente fosse chamado apenas de “autismo”, hoje compreende uma gama de manifestações, sendo o ponto comum entre elas as dificuldades na comunicação social e a presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos.

Histórico e evolução do conceito

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943, pelo psiquiatra americano Leo Kanner, ao estudar 11 crianças que demonstravam dificuldade em se conectar com outras pessoas e situações cotidianas desde muito cedo. Pouco tempo depois, em 1944, o austríaco Hans Asperger relatou casos semelhantes, caracterizados por comportamentos repetitivos e dificuldades de interação, mas com níveis variados de linguagem e cognição.

Apesar dessas descobertas iniciais, o diagnóstico de autismo só foi formalmente incluído nos manuais médicos a partir do DSM-III, em 1980. Já em 1994, a Síndrome de Asperger foi classificada no DSM-IV, reconhecida como uma forma mais leve de autismo. Em 2013, com o lançamento do DSM-5, essas categorias foram unificadas sob o termo Transtorno do Espectro Autista, reconhecendo a diversidade e amplitude das manifestações clínicas em um único espectro.

Causas do Transtorno do Espectro Autista

O TEA é resultado de uma combinação de fatores biológicos, sendo considerado um distúrbio complexo e multifatorial. Embora não haja uma única causa identificada, sabe-se que aspectos genéticos e ambientais desempenham papéis importantes no seu desenvolvimento.

Fatores Genéticos:

Pesquisas apontam que alterações genéticas que afetam a formação e funcionamento das conexões neurais estão diretamente ligadas ao TEA. A chamada teoria epigenética sugere que certas mutações podem ser ativadas ainda durante a gestação, interferindo na forma como os genes se expressam, sem modificar a estrutura do DNA em si.

Estudos indicam também uma diferença de vulnerabilidade entre os sexos, em que meninas geralmente precisam apresentar mutações genéticas mais expressivas para

manifestar o TEA, o que ajuda a explicar a maior prevalência entre meninos (de 3 a 4 vezes maior).

Algumas condições genéticas específicas têm maior associação com o autismo, como:

- **Síndrome do X-frágil:** ligada a deficiência intelectual e alterações comportamentais, causada por mutações no gene FMR1, localizado no cromossomo X.
- **Esclerose tuberosa:** doença genética rara que causa o crescimento de tumores benignos em órgãos como cérebro, rins e pele.

Pesquisas com gêmeos reforçam a influência genética no TEA. Estima-se que entre 50% e 80% dos casos tenham origem hereditária. A chance de diagnóstico também aumenta entre irmãos e parentes próximos de indivíduos autistas.

Esses dados evidenciam a importância de uma avaliação genética criteriosa, especialmente com o suporte de profissionais especializados como geneticistas, que auxiliam na decisão sobre testes genéticos relevantes e custo-benefício.

Fatores Ambientais:

Além da genética, certos fatores ambientais durante a gravidez podem aumentar a chance de desenvolvimento do TEA. Entre eles:

- Uso de medicamentos específicos
- Condições como obesidade materna, diabetes gestacional e hipertensão durante a gestação
- Distúrbios imunológicos na mãe
- Idade avançada dos pais (geralmente considerada acima dos 35 anos para mães e 40 para pais)

Esses fatores podem impactar o cérebro em formação, tanto nos estágios iniciais da gravidez quanto nos últimos meses e no primeiro ano de vida do bebê.

É fundamental que decisões sobre medicações durante a gravidez sejam feitas com orientação médica e análise de riscos e benefícios.

Vacinas causam autismo?

Não. Apesar da desinformação ainda persistir em muitos espaços, não há nenhuma evidência científica que relacione vacinas ao desenvolvimento do autismo. Essa ideia surgiu a partir de um estudo fraudulento publicado em 1998, posteriormente desmentido e retirado da comunidade científica.

Desde então, diversos estudos sérios com milhões de crianças em diferentes países foram conduzidos, e todos confirmam que vacinas são seguras e não têm ligação com o TEA.

A disseminação desse mito, além de infundada, representa risco real à saúde pública, pois desencoraja a imunização e pode levar ao retorno de doenças graves já controladas.

Epidemiologia

Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta aproximadamente uma em cada 100 crianças ao redor do mundo. No Brasil, estima-se que cerca de 2,5 milhões de pessoas convivam com o transtorno, o que representa aproximadamente 1,2% da população, segundo o Censo Demográfico 2022 do IBGE. Os diagnósticos são mais frequentes no sexo masculino, embora as causas dessa diferença ainda não estejam totalmente esclarecidas. Há hipóteses que sugerem que pode estar relacionado a existência de fatores genéticos e hormonais de proteção no sexo feminino.

Nas últimas décadas, especialmente a partir do fim dos anos 1990, a prevalência do TEA tem apresentado um aumento significativo. Estudos sistemáticos indicam que esse crescimento pode estar relacionado a diversos fatores, como:

- Ampliação do conceito de TEA e alterações nos critérios diagnósticos.
- Maior capacitação dos profissionais da saúde para identificar sinais precoces do transtorno.
- Aumento da procura por serviços de diagnóstico e apoio clínico por parte das famílias.
- Crescimento da conscientização entre familiares, educadores e pediatras, que costumam identificar os primeiros indícios.
- Potencial elevação na exposição a fatores ambientais associados ao risco de desenvolvimento do TEA.
- Reclassificação diagnóstica, com casos anteriormente atribuídos a outros transtornos sendo hoje reconhecidos como pertencentes ao espectro autista.

Prevalência de Autismo nos EUA até 2025 (via CDC)

(quantidade de diagnósticos em crianças de 8 anos nos Estados Unidos)

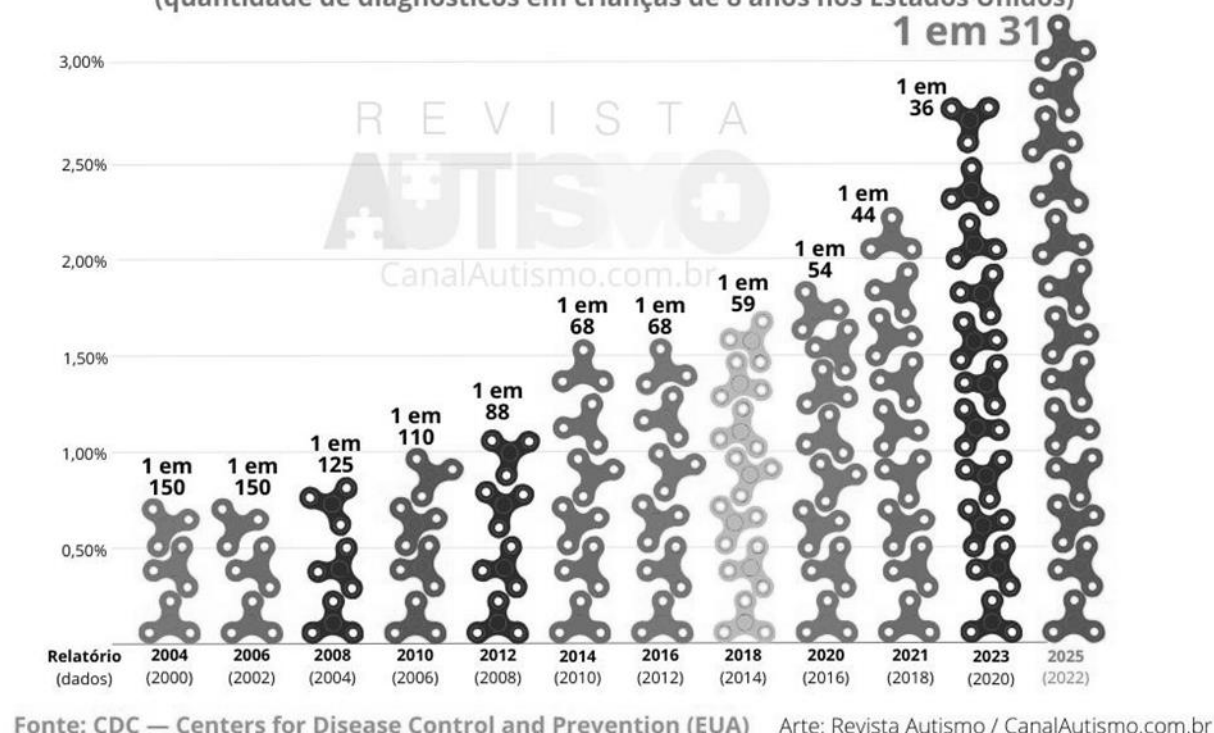


Figura 5 - <https://tismoo.com.br/saude/diagnostico/cdc-aponta-1-em-31-prevalencia-de-autismo-nos-eua-aumenta-novamente-brasil-pode-ter-69-milhoes-de-autistas/>

Características e Manifestações do TEA

O TEA se manifesta por meio de duas áreas principais de comprometimento:

1. **Dificuldades persistentes na comunicação e na interação social.**
2. **Comportamentos repetitivos e interesses restritos.**

A identificação precoce desses sinais é fundamental, pois possibilita a adoção de intervenções adequadas, que podem melhorar significativamente a qualidade de vida da criança e de sua família.

Sinais de alerta para o TEA, por faixa etária:

- **6 meses:** expressão facial limitada, pouco contato visual, ausência de sorriso social e engajamento social reduzido.
- **9 meses:** não imita expressões ou sons, ausência de balbucios típicos da idade, não atende quando chamado, não acompanha com o olhar o que o adulto aponta.

- **12 meses:** não balbucia, não usa gestos como dar tchau, não pronuncia palavras simples como “mamãe” ou “papai”, ausência de atenção compartilhada, não reconhece o próprio nome.
- **14 meses:** ausência de gestos como apontar para mostrar interesse ou compartilhar experiências.
- **18 meses:** não participa de brincadeiras simbólicas, como fingir alimentar um boneco.
- **Qualquer idade:** perda de habilidades previamente adquiridas na comunicação ou interação social.

Embora todos os indivíduos com TEA apresentem alguma dificuldade nessas áreas, a intensidade e a forma como esses sintomas se manifestam podem variar amplamente.

Exemplos de dificuldades na comunicação e interação social:

- Falta de reciprocidade emocional (ex.: não responder a interações sociais ou não buscar contato com os pares).
- Limitações na comunicação não verbal (ex.: dificuldades em interpretar gestos, expressões ou manter contato visual).
- Dificuldade para desenvolver e manter relações (ex.: dificuldade de adaptar-se a diferentes contextos sociais, preferir brincar sozinho, não entender regras sociais básicas).

Muitas vezes, os primeiros sinais identificados por pais ou cuidadores envolvem atraso na fala, ausência de gestos comunicativos, falta de interesse por brincadeiras compartilhadas e baixa responsividade social.

Exemplos de comportamentos repetitivos e interesses restritos:

- Repetição de movimentos ou palavras (ex.: balançar as mãos, repetir frases, alinhar objetos).
- Rigidez quanto a rotinas e padrões (ex.: resistência a mudanças, rituais repetitivos).
- Foco intenso em interesses específicos (ex.: fascínio por temas muito restritos, dificuldade em mudar de atividade).
- Reações sensoriais atípicas (ex.: hipersensibilidade a sons ou texturas, ausência de reação à dor ou temperatura).

Essas manifestações podem impactar significativamente a vida social, emocional e acadêmica da criança, sendo essencial o olhar atento de familiares e profissionais para uma intervenção eficaz e humanizada.

Condições Associadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Pessoas com diagnóstico de TEA frequentemente apresentam outras condições clínicas associadas, sendo comuns a deficiência intelectual e dificuldades no processo de aprendizagem. Estima-se que entre 33% e 45% dos indivíduos no espectro

apresentem algum grau de comprometimento intelectual, aproximadamente metade manifeste sintomas de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), e cerca de 25% a 30% desenvolvam epilepsia ao longo da vida.

Além dessas, há maior prevalência de síndromes genéticas concomitantes, como a síndrome do X-frágil, esclerose tuberosa, síndrome de Rett, síndrome de Down, síndrome de Angelman, entre outras. Distúrbios no sono, alterações gastrointestinais e problemas imunológicos também são frequentemente observados nesse grupo.

Estudos apontam que até 70% das pessoas com TEA apresentam algum tipo de transtorno de saúde mental associado. Essas comorbidades podem agravar sintomas que já haviam sido amenizados com o tratamento. Por exemplo, uma criança que vinha mostrando progresso pode apresentar aumento de comportamentos estereotipados ou agressividade como resposta a episódios de ansiedade ou depressão.

Entre os transtornos psiquiátricos mais comuns estão os transtornos de ansiedade e o TDAH, presentes em aproximadamente metade dos casos. A depressão é outra condição prevalente, sobretudo entre pessoas com funcionamento intelectual preservado. Outras ocorrências incluem Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), tiques motores e a síndrome de Tourette, em frequência superior à da população em geral.

Distúrbios do Sono e Alimentação:

Problemas relacionados ao sono são frequentes, podendo incluir resistência para iniciar o sono, despertares noturnos, inquietação, ansiedade ao dormir e padrões de sono desorganizados. Em relação à alimentação, a seletividade alimentar é comum, muitas vezes ligada à sensibilidade sensorial. Crianças com TEA podem rejeitar alimentos com determinadas texturas, cheiros ou sabores, o que pode levar a deficiências nutricionais e alterações gastrointestinais como diarreia, constipação e ganho ou perda de peso.

Comportamentos Desafiadores:

Comportamentos como impulsividade, agressividade (dirigida a si ou a outros) e agitação psicomotora são relativamente frequentes e geram impacto considerável na vida familiar e social. É fundamental que esses desafios sejam adequadamente observados e relatados aos profissionais de saúde, a fim de orientar intervenções terapêuticas — tanto farmacológicas quanto não farmacológicas — que promovam mais qualidade de vida para o indivíduo e sua rede de apoio.

Autismo de Alto Funcionamento:

O termo “autismo de alto funcionamento” não integra a nomenclatura oficial utilizada nos manuais diagnósticos, mas é comumente utilizado para se referir a pessoas no espectro que possuem habilidades cognitivas e de linguagem preservadas. Esses indivíduos geralmente apresentam dificuldades marcantes nas interações sociais e na comunicação, apesar de sua autonomia intelectual.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição (DSM-5), todas as manifestações clínicas do espectro autista estão reunidas sob a

classificação única de Transtorno do Espectro Autista, abolindo os antigos subtipos, como a Síndrome de Asperger.

Na prática, usa-se o termo “alto funcionamento” para descrever pessoas com:

- **Inteligência média ou superior;**
- **Linguagem verbal desenvolvida**, embora possam ter dificuldades com comunicação não verbal ou nuances sociais;
- **Maior grau de independência funcional**, mesmo que precisem de suporte em algumas situações;
- **Presença de comportamentos repetitivos e interesses intensamente focados**, comuns a todos os níveis do espectro.

É importante considerar que a expressão “alto funcionamento” pode ser interpretada de forma equivocada, sugerindo que os desafios enfrentados são leves, o que nem sempre corresponde à realidade.

Autismo Leve e Síndrome de Asperger:

Os termos “autismo leve” e “Síndrome de Asperger” costumavam ser usados para descrever quadros em que os déficits cognitivos e de linguagem eram menos evidentes. No entanto, essas nomenclaturas caíram em desuso na prática clínica desde a atualização do DSM-5, em que passaram a ser consideradas formas de manifestação do TEA.

A Síndrome de Asperger descrevia indivíduos com inteligência e linguagem preservadas, mas que apresentavam dificuldades significativas na compreensão da comunicação não verbal e nas interações sociais. Muitos também demonstravam interesses específicos muito intensos e comportamento repetitivo.

Hoje, tais características são reconhecidas como parte do espectro autista, e a preferência é por utilizar a designação “TEA”, respeitando a diversidade de apresentações do transtorno.

Diagnóstico do TEA

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é eminentemente clínico e deve, sempre que possível, ser realizado por uma equipe multidisciplinar especializada. Contudo, em muitas regiões, a falta de acesso a profissionais capacitados torna necessária a atuação de médicos generalistas, pediatras ou médicos de família com formação adequada na área.

Avaliações envolvidas:

- **Avaliação médica:** envolve a coleta da história clínica, exame físico e entrevistas com cuidadores, sendo possível identificar sinais comportamentais, emocionais e neurológicos.
- **Avaliação psicológica:** foca nos aspectos comportamentais, interação social, linguagem, cognição e sofrimento psíquico, subsidiando o planejamento terapêutico.

- **Avaliação fonoaudiológica:** investiga habilidades comunicativas, linguagem, motricidade oral, audição e deglutição, contribuindo para o diagnóstico e para o delineamento de intervenções.
- **Avaliação pedagógica:** essencial quando se trata de crianças e adolescentes, já que o ambiente escolar muitas vezes revela comportamentos não observados em casa.

No Brasil, o Ministério da Saúde e a Sociedade Brasileira de Pediatria recomendam que, durante as consultas de puericultura, especialmente até os 18 meses de idade, seja aplicada a escala M-CHAT-R para rastreio precoce de sinais do TEA.

CrITÉRIOS DiagnÓsticos Segundo o DSM-5

O diagnóstico de TEA exige a presença de:

1. Déficits persistentes na comunicação e interação social, observados em múltiplos contextos, incluindo:

- Falta de reciprocidade socioemocional;
- Dificuldades com a comunicação não verbal (como gestos, contato visual, expressões faciais);
- Comprometimento na construção e manutenção de relacionamentos sociais adequados.

2. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, com ao menos dois dos seguintes:

- Estereotipias motoras, ecolalia ou organização repetitiva de objetos;
- Insistência em rotinas fixas e resistência a mudanças;
- Interesses intensos e altamente focados;
- Reações atípicas a estímulos sensoriais (hipo ou hipersensibilidade).

Além disso, os sintomas devem estar presentes desde o início do desenvolvimento, ainda que só se tornem mais evidentes posteriormente, e causar prejuízo funcional significativo nas esferas social, escolar ou ocupacional. O diagnóstico deve excluir condições como deficiência intelectual isolada ou atraso global do desenvolvimento.

NÍVEIS de Suporte no Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª Edição (DSM-5) propõe uma classificação por níveis para indicar o grau de suporte necessário em função da gravidade dos sintomas do TEA. Essa categorização permite reconhecer que os impactos do transtorno variam conforme o contexto e podem mudar ao longo do tempo.

A avaliação da gravidade deve considerar separadamente dois domínios principais:

1. Comunicação e Interação Social

- **Nível 1 – Apoio Necessário**

O indivíduo apresenta dificuldades perceptíveis na interação social mesmo sem suporte. Pode ter dificuldades para iniciar ou manter conversas, usar linguagem de forma pouco apropriada ao contexto, demonstrar pouco interesse por vínculos sociais ou falhar em interpretar sinais sociais. Uma criança nesse nível pode expressar suas necessidades com palavras, mas sem uso adequado de expressões faciais, contato visual ou gestos.

- **Nível 2 – Apoio Substancial Necessário**

Neste nível, os déficits são mais evidentes mesmo com suporte disponível. Há pouca iniciativa para se comunicar socialmente e respostas frequentemente inadequadas a estímulos sociais, como gestos ou expressões faciais.

- **Nível 3 – Apoio Muito Substancial Necessário**

O comprometimento na comunicação é severo, com grandes limitações na iniciação ou resposta às interações sociais. A criança pode não expressar desejos ou emoções, utilizar apenas gestos simples como puxar a mão de um adulto sem contato visual, ou repetir frases fora de contexto (ecolalia), sem conexão com a situação presente.

2. Comportamentos Repetitivos e Interesses Restritos

- **Nível 1 – Apoio Necessário**

Apesar de o indivíduo conseguir realizar atividades básicas, seus comportamentos repetitivos interferem significativamente na autonomia. É comum haver grande fixação por determinados temas ou objetos, e resistência a mudanças. A criança pode ficar angustiada ao ser impedida de se engajar em seus interesses fixos.

- **Nível 2 – Apoio Substancial Necessário**

Nesse nível, os comportamentos repetitivos ou os interesses restritos são frequentes e facilmente notados por outras pessoas. Eles interferem em diferentes contextos da vida e causam sofrimento significativo ao indivíduo, especialmente diante de mudanças inesperadas.

- **Nível 3 – Apoio Muito Substancial Necessário**

A presença de comportamentos repetitivos é intensa e afeta profundamente o cotidiano. A criança pode balançar o corpo, bater as mãos ou girar objetos de forma contínua, apresentar reações exageradas a estímulos sensoriais e insistir

rigidamente em rotinas, o que compromete atividades básicas como brincar, socializar ou realizar tarefas diárias.

Abordagens Terapêuticas

O tratamento do TEA é predominantemente baseado em intervenções comportamentais, mas deve ser sempre adaptado às necessidades e características individuais de cada pessoa. Diversas estratégias podem ser utilizadas, como:

- Análise do Comportamento Aplicada (ABA);
- Terapia fonoaudiológica;
- Terapia ocupacional;
- Psicomotricidade;
- Terapias assistidas por animais;
- Intervenção psicossocial e educacional;
- Uso de medicamentos para sintomas associados.

O planejamento terapêutico deve ser construído com a participação ativa da família e de uma equipe interdisciplinar que pode incluir médicos, psicólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, nutricionistas, entre outros profissionais.

O objetivo é promover o desenvolvimento global da criança, favorecer a comunicação, estimular a autonomia e reduzir comportamentos que impactam negativamente sua qualidade de vida.

Participação da Família e Rede de Apoio

A atuação dos cuidadores é peça-chave no sucesso do tratamento. A formação e orientação contínua de familiares e responsáveis permitem que estratégias terapêuticas sejam aplicadas fora dos ambientes clínicos, contribuindo para generalização de habilidades e controle de comportamentos desafiadores em situações cotidianas. Um trabalho integrado e colaborativo entre os profissionais da saúde, educação e assistência social potencializa os resultados.

Uso de Medicamentos no TEA

Atualmente, não há medicamentos aprovados que tratem as características centrais do autismo. No entanto, intervenções farmacológicas podem ser indicadas para aliviar os sintomas associados ou comorbidades, como irritabilidade, impulsividade, ansiedade, hiperatividade, automutilação ou agressividade, que interferem significativamente no cotidiano da criança com TEA.

Principais sintomas-alvo e alguns tipos de medicamentos que geralmente usados:

- **Hiperatividade, impulsividade e desatenção:**
Estimulantes (metilfenidato, dextroanfetamina), atomoxetina, agonistas alfa-2 adrenérgicos (como guanfacina), risperidona, valproato.

- **Comportamentos agressivos ou irritabilidade:**
Antipsicóticos atípicos (risperidona, aripiprazol), haloperidol, anticonvulsivantes, estabilizadores de humor, inibidores seletivos da recaptação da serotonina (ISRS).
- **Rigidez comportamental e estereotipias:**
ISRS, clomipramina, antipsicóticos atípicos, valproato, buspirona.
- **Ansiedade:**
ISRS (como fluoxetina ou sertralina), mirtazapina, buspirona.
- **Oscilações de humor (labilidade emocional):**
Estabilizadores do humor, antipsicóticos atípicos, ISRS.
- **Depressão:**
Antidepressivos convencionais (ISRS e SNRIs), conforme o perfil do paciente.

A indicação de medicamentos deve ser sempre criteriosa e realizada **somente** por médicos especialistas e habilitados, considerando os benefícios, os possíveis efeitos adversos e sua integração ao plano terapêutico. O acompanhamento contínuo por especialistas é fundamental para avaliar a eficácia do tratamento e realizar os ajustes necessários de acordo com as necessidades da pessoa com TEA.

Nota: Os medicamentos citados neste texto não representam necessariamente os únicos e nem os mais eficazes em cada caso. Podem existir diversas outras opções e combinações para tratar os mesmos sintomas. Este conteúdo é apenas informativo e não substitui a avaliação, prescrição e acompanhamento de profissionais de saúde.

Considerações Finais

Este material tem como objetivo apresentar informações gerais, observações e estudos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), sem a intenção de prescrever medicamentos ou tratamentos específicos. É fundamental destacar que cada indivíduo com TEA possui características únicas e que o manejo deve ser sempre personalizado, realizado por profissionais qualificados com base em avaliações detalhadas. Portanto, este conteúdo não substitui o acompanhamento clínico e terapêutico individualizado.

Referências Bibliográficas para Pesquisa

- APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ATTWOOD, Tony. The complete guide to Asperger's Syndrome. London: Jessica Kingsley Publishers, 2006.
- BARON-COHEN, Simon. The pattern seekers: how autism drives human invention. New York: Basic Books, 2020.
- BOYDELL, Katherine M. et al. Knowledge translation of autism research: two decades of community–academic partnerships. *Autism*, v. 24, n. 6, p. 1427–1440, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: MEC, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para atenção às pessoas com TEA e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS. Brasília: MS, 2015.
- BUENO, José Geraldo Silveira. Políticas públicas e educação inclusiva: alguns apontamentos. *Revista Educação Especial*, v. 23, p. 213–220, 2010.
- CAMARGO, Rosana Glat; PRIETO, Rosita Edler. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? 12. ed. São Paulo: Moderna, 2011.
- GOMES, Camila Silveira. Educação inclusiva e práticas pedagógicas: estratégias para o acolhimento de estudantes com autismo. Curitiba: Appris, 2022.
- GRANDIN, Temple. O cérebro autista: pensando através do espectro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KASSAR, Mônica C. M. Inclusão escolar: desafios e perspectivas para uma educação para todos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 31, p. 125–136, 2006.
- MENDES, Enicéia Gonçalves. Educação inclusiva: construindo sistemas educacionais inclusivos. Brasília: UNESCO, 2006.
- MERCADO, Lília Neves de. Autismo: compreender e acolher na escola e na vida. São Paulo: Wak Editora, 2021.
- OLIVEIRA, Cláudia Marcelino. Autismo: não espere, aja logo! São Paulo: Memnon, 2014.
- OMOTE, Sadao. Inclusão escolar: o que é? *Revista Educação Especial*, v. 23, n. 38, p. 229–242, 2010.
- PEREIRA, Michelle B. F.; GOMES, Camila S. Acolhimento e escuta: a base da inclusão escolar de estudantes com autismo. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial*, 2022.
- ROITMAN, Felipe. Autismo: abordagem neuropsicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- GENIOO. Plataforma de criação de materiais adaptados para TEA. Disponível em: <https://tismo.com.br/genioo>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- WORDWALL. Plataforma para criação de atividades educacionais interativas. Disponível em: <https://wordwall.net>. Acesso em: 11 ago. 2025.

INCLUI.AI. Plataforma de adaptação rápida de atividades escolares. Disponível em: <https://inclui.ai>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MEMORIZAÍ. Plataforma que explica conteúdos de forma adaptada para alunos com necessidades especiais. Disponível em: <https://memorizai.com>. Acesso em: 11 ago. 2025.

JEDAI. Plataforma para criação de cursos completos a partir de comandos. Disponível em: <https://jedai.ai>. Acesso em: 11 ago. 2025.

GARIMPEIRO EDUCACIONAL. Iniciativa para desenvolvimento de recursos inclusivos e tutores virtuais. Disponível em: <https://garimpeiroeducacional.com>. Acesso em: 11 ago. 2025.

CIIA-DF (CENTRO DE INOVAÇÃO E INCLUSÃO ACADÊMICA DO DISTRITO FEDERAL). Desenvolvimento de recursos inclusivos e tutores virtuais. Disponível em: <https://ciia-df.edu.br>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MAGIC SCHOOL. Plataforma internacional de recursos educacionais personalizados. Disponível em: <https://magicschool.com>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MEGAPROFE. Plataforma internacional de atividades e conteúdos educativos. Disponível em: <https://megaprofe.es>. Acesso em: 11 ago. 2025.

OPENAI. ChatGPT – modelo de linguagem para criação de conteúdos personalizados. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MANUS. Plataforma de inteligência artificial para criação de atividades personalizadas. Disponível em: <https://manus.ai>. Acesso em: 11 ago. 2025.

RUSSO, Irani Marques; GERALDI, João Wanderley. A inclusão escolar em questão: práticas pedagógicas e formação docente. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SILVA, Elaine Teresinha Dalbosco da. Inclusão escolar e o trabalho pedagógico com alunos com autismo. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 20, n. 4, p. 561–576, 2014.

VALLE, Geisa. Neurodiversidade na escola: práticas inclusivas com estudantes com TEA. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-11. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2023. Disponível em: <https://icd.who.int/pt/>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ARASAAC – Portal Aragonês de Comunicação Aumentativa e Alternativa. Disponível em: <https://arasaac.org>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ISAAC Brasil – Associação Brasileira de Comunicação Alternativa. Disponível em: <https://isaacbrasil.org.br>. Acesso em: 08 ago. 2025.

PECS – Pyramid Educational Consultants. Picture Exchange Communication System (PECS). Disponível em: <https://pecs.com>. Acesso em: 08 ago. 2025.

CACC – Centro de Apoio à Comunicação Alternativa e Aumentativa. Disponível em: <https://aaccentro.org>. Acesso em: 08 ago. 2025.

Sobre o Autor

Isaías de Oliveira é educador e multiplicador de práticas inclusivas. Com sólida experiência na área da Educação Especial, sua trajetória é marcada por um olhar atento às singularidades de cada aluno e por um compromisso com uma escola mais justa, humana e acessível para todos.

Sua vivência em sala de aula com crianças autistas despertou um novo jeito de ensinar — mais sensível, mais flexível e profundamente respeitoso com as diferenças. Em vez de enxergar no comportamento uma barreira, aprendeu a compreendê-lo como forma legítima de comunicação.

Ele não escreve sobre autismo a partir de manuais frios ou distantes, mas sim a partir do chão da escola, dos olhares que encontra a cada manhã, das mãos que segura, das histórias que escuta. Este manual nasceu da prática viva: das anotações feitas entre uma atividade e outra, dos relatos trocados com colegas de jornada, das fichas preenchidas com afeto e das pequenas conquistas que, aos olhos atentos, revelam grandes avanços.

Era uma vez... O Autismo – Manual para Professores e Profissionais de Apoio não é apenas um compilado de estratégias, é um convite à transformação. Propõe uma abordagem sensível e técnica ao mesmo tempo, com conteúdos que percorrem desde os fundamentos teóricos do TEA até orientações práticas de intervenção, adaptação curricular, uso de comunicação alternativa, manejo de crises e fortalecimento da relação entre escola e família.

Na visão do autor, criar este manual foi mais do que organizar sugestões pedagógicas: foi uma forma de provocar reflexão sobre o papel do educador como mediador de vínculos, promotor de acessos e agente de transformação dentro de contextos desafiadores, mas cheios de possibilidades.



@ISAIASOLIVEIRA_DESCALVADO